

# *Mediunidade de incorporação*



*Paulo Neto*

# Mediunidade de incorporação

(Versão 10)

*"Mas é incontestável que todos os dias descobrimos fatos que nos obrigam a modificar nossas velhas opiniões, e até mesmo a ter uma visão oposta das ideias reinantes." (GABRIEL DELANNE)*

**Paulo Neto**

Copyright 2025 by  
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)  
Belo Horizonte, MG.

Capa:

Montagem da capa editada por Elkeane Aragão  
@Elkefiz, usando ilustrações geradas por IA em  
Microsoft Copilot.

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, novembro/2025.

# Sumário

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| Prefácio.....                                  | 4   |
| Introdução.....                                | 7   |
| Crenças e equívocos sobre a incorporação.....  | 30  |
| O que se encontra na Codificação.....          | 35  |
| Manifestações mediúnicas por incorporação..... | 55  |
| Obsessão por incorporação.....                 | 71  |
| O médium de incorporação da SEEP.....          | 74  |
| O que dizem alguns autores consagrados?.....   | 78  |
| Conclusão.....                                 | 127 |
| Referências bibliográficas.....                | 130 |
| Dados biográficos do autor.....                | 136 |

## Prefácio

Começamos com todo respeito citando a grande obra elaborada por Allan Kardec, o Baluarte do Espiritismo: *O Livro dos Médiuns*!

É importante esclarecer que a mediunidade sempre existiu. Ela se manifesta em todas as religiões, em todos os segmentos e em todas as épocas.

O perispírito, sendo o molde do corpo físico, é o grande responsável pela influência das manifestações.

A possessão foi admitida por Allan Kardec diante dos fatos, e ele nunca fechou questões, ensinou-nos, com responsabilidade, que o Espiritismo estará sempre aberto a novas pesquisas e observações científicas de análise e testes.

*O Livro dos médiuns* é o manual que explica os fundamentos característicos da mediunidade séria e autêntica, mas também alerta sobre a mediunidade

malfazeja e enganosa.

Antes do Espiritismo, a mediunidade era vista como algo inexplicável, um fenômeno espiritual considerado sobrenatural. Muitas vezes era praticada por meio de rituais, cenários misteriosos e até macabros. Com o advento do Espiritismo, a mediunidade passou a ser tratada com seriedade e responsabilidade. Foi assim que surgiu, primeiro, *O Livro dos Espíritos* (1858), seguido por *O Livro dos Médiuns* (1861), obras que marcaram um divisor de águas na história da humanidade. Espíritos instruídos vieram nos trazer parte da sabedoria Espiritual, respeitando nossos limites evolutivos.

Sábio foi Moisés ao proibir contato com os mortos em uma época em que não era possível compreender a importância real da mediunidade. Seu valor essencial é comprovar que a vida continua e que o Espírito sobrevive à morte do corpo físico.

Houve épocas em que mediunidade foi tratada como brincadeira, em que Espíritos zombeteiros faziam verdadeiros espetáculos, atendendo a desejos materiais. Infelizmente estas práticas ainda

existem atualmente.

Com *O Livro dos médiuns*, aprendemos a respeitar a mediunidade e a compreender que, quanto mais o ambiente for de seriedade, com pessoas esclarecidas e responsáveis, maior será a capacidade de auxílio.

Espíritos zombeteiros e malfazejos gostam de ambientes viciosos e místicos. Quando um Espírito assim se aproxima de uma reunião mediúnica séria, muitas vezes pode ser esclarecido a seguir um caminho melhor para si. Caso contrário, buscará lugares onde encontra afinidade com as energias presentes.

A mediunidade ainda é um campo a ser explorado. Assim como a humanidade avança, novas pesquisas científicas trarão resoluções para melhores interpretações sobre os fatos mediúnicos.

Shirley de Siqueira  
Poços de Caldas (MG), em 06 janeiro 2026

## **Introdução**

Inicialmente, pedimos encarecidamente ao caro leitor que, antes de concluir que enveredamos pelo caminho antidoutrinário, leve em consideração os argumentos que apresentaremos ao longo desta pesquisa, os quais, em nossa modesta opinião, apontam para a realidade da mediunidade de incorporação.

Ao consultar as obras da Codificação Espírita publicadas por Allan Kardec (1804-1869), constatar-se-á que ele jamais empregou a expressão “mediunidade de incorporação”.

É certo que utilizou outras designações como “mediunidade falante” e “psicofonia”; contudo, acreditamos que, em seus estudos, encontram-se elementos capazes de sustentar a realidade desse tipo de manifestação. que a sustentam. Infelizmente, esses elementos ainda permanecem desconhecidos por grande parte dos espíritas.

Já nos deparamos, inclusive, com alguns confrades que, amparados pelas ideias defendidas pelos administradores da instituição espírita que frequentam, nos “condenaram” por sustentarmos esse entendimento, considerando-o algo “fora da curva” e, portanto, antidoutrinário.

No meio espírita, difundiu-se a ideia de que a mediunidade seria uma faculdade cuja manifestação teria origem essencialmente na mente. Em razão disso, muitas vezes se considera que todas as comunicações dos Espíritos ocorreriam, fundamentalmente, de *“mente a mente”*, tendo a transmissão do pensamento como única base do fenômeno mediúnico.

Essa concepção, porém, parece não dar conta de explicar, por si só, todas as formas pelas quais os Espíritos podem se manifestar. Afinal, se a comunicação mediúnica se reduzisse sempre à ação direta do Espírito sobre a mente do médium, como compreender os casos em que o comunicante parece produzir efeitos que ultrapassam a simples transmissão mental das ideias?

Muito interessantes são estes questionamentos de Allan Kardec, em ***O Livro dos Médiuns***, capítulo “I – Há Espíritos”, item 5:

[...] não será natural acreditarmos que a [alma] de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e **se sirva para isso dos meios que estejam à sua disposição? Quando vivo não atuava sobre a matéria do corpo?** Não era ele que lhe dirigia os movimentos? **Por que razão não poderia a alma, após a morte, entrar em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, utilizar-se desse corpo vivo,** para manifestar o seu pensamento, como um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? <sup>(1)</sup> (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

Embora, nessa época, o Codificador ainda não admitisse que um Espírito pudesse “entrar” no corpo de um encarnado, seus questionamentos contêm elementos que abrem espaço para se considerar a possibilidade da incorporação. Aliás, a nosso ver, bastante lógicos e racionais.

É justamente essa questão – isto é, a possibilidade de a comunicação mediúnica ocorrer de “mente a mente” – que, dada a sua complexidade, foi examinada por nós em estudo à parte, cujo resultado publicamos no ebook



***Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*** <sup>(2)</sup>.

Entretanto, de tudo quanto se lê na Codificação, o que se evidencia é que o perispírito exerce essa função: “*o perispírito é o princípio de todas as manifestações*” <sup>(3)</sup>.

Nesta fala do **Espírito Lamennais**, registrada em **O Livro dos Médiuns**, encontramos uma explicação mais detalhada:

[...] **O perispírito**, para nós outros Espíritos errantes, **é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma**. Daí, a infinita variedade de médiuns e de comunicações. <sup>(4)</sup>

Entendemos que surgem três aspectos distintos pelos quais ocorre o fenômeno da manifestação espiritual, cujo mecanismo tem no perispírito sua base fundamental:

1º) **Pelo corpo:** trata-se da incorporação completa. Ao se emancipar do corpo, o Espírito do médium permite que o manifestante se acople a ele, passando a utilizá-lo conforme sua necessidade.

2º) **Pelo perispírito:** possivelmente pela incorporação parcial de algum membro do corpo - “quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium” <sup>(5)</sup>, escrevendo através desse processo, ou quando “atua sobre os órgãos da palavra” <sup>(6)</sup> e verbaliza seu pensamento.

3º) **Pela alma (ou Espírito):** somente aqui teríamos o denominado “*mente a mente*”. O Espírito comunicante transmite seu pensamento ao médium, que o capta e o reproduz, seja por escrito ou oralmente. No fundo, trata-se de uma autêntica forma de

telepatia.

A frase em epígrafe (<sup>7</sup>), de autoria de Gabriel Delanne (1857-1926), destacado pesquisador espírita, expressa exatamente o que vivenciamos: após descobrirmos novos fatos, passamos a ver com “outros olhos” algo que, na verdade, nem é difícil de perceber – desde que estejamos dispostos a abdicar de certezas anteriores e abrir a mente para novas possibilidades, mantendo-nos firmes na coerência Doutrinária.

Por oportuno, apresentamos nosso entendimento sobre os termos “possessão” e “incorporação”, que serão utilizados no presente ebook:

**POSSESSÃO:** trata-se da ação de um Espírito sobre uma pessoa encarnada que resulta na posse física do corpo, literalmente. O desencarnado, ao “entrar” no corpo físico do encarnado, assume o comando desse.

**INCORPORAÇÃO:** é um termo mais popular, pelo qual se entende que o Espírito manifestante incorpora-se ao corpo do médium, ou seja, “entra” nele para atuar

durante sua manifestação.

Na prática, em ambos os fenômenos encontramos um Espírito desencarnado – que, em alguns casos, pode até ser o de uma pessoa viva – apossando-se fisicamente do corpo do médium para se comunicar.

Comumente emprega-se o termo **“incorporação”** para designar a possibilidade de um Espírito entrar no corpo de um médium e, a partir daí, transmitir seus pensamentos. Usualmente, ele, é mais utilizado no meio umbandista para indicar uma fase do transe mediúnico na qual o Espírito comunicante literalmente se incorpora ao médium, ou seja, “entra” em seu corpo.

No movimento espírita, tem-se evitado empregar o termo “incorporação”, embora, como veremos mais adiante, ele também seja utilizado por alguns Espíritos e espíritas.

A compreensão do fenômeno pelos adeptos do Espiritismo se complica quando vemos estudiosos e pesquisadores afirmarem, de modo incisivo, que ele não ocorre. O escritor Martins Peralva (1918-2007) é

um exemplo. Vejamos o que afirma em ***Estudando a Mediunidade*** (1968), no início do capítulo “IX – Incorporação”:

**Com o sugestivo nome de psicofonia, a mediunidade de incorporação** foi magnificamente estudada em «*Nos Domínios da Mediunidade*».

**Que é a incorporação ou psicofonia?**

**É a faculdade que permite aos Espíritos, utilizando os órgãos vocais do encarnado, transmitirem a palavra audível a todos que presentes se encontrem.**

É a faculdade mais frequente em nosso movimento de intercâmbio com o mundo extracorpóreo. (8)

Portanto, Peralva toma a incorporação como uma designação para o fenômeno da psicofonia, restringindo-a à utilização apenas dos órgãos vocais do médium, o que, em nossa percepção, fica muito aquém do que efetivamente ocorre. A obra que ele usa como referência, *Nos Domínios da Mediunidade*, por sua vez, parece conduzir à conclusão de que o Espírito comunicante entra no corpo do médium, e

não à interpretação apresentada por Peralva.

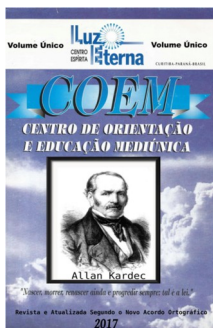
O *Dicionário Aurélio* define o vocábulo “incorporação” como: *“Tomada do corpo do médium por um guia ou espírito; descida, transe mediúnico.”*

Para melhor entendimento, reproduziremos a explicação constante no *Vocabulário Espírita*, disponível no site [\*\*O Consolador\*\*](#):

**INCORPORAÇÃO:** Incorporação [do latim *incorporatione*] - 1. Ato ou efeito de incorporar(-se). 2. O termo incorporação tem sido aplicado inadequadamente à mediunidade psicofônica, pois não tem como dois espíritos ocuparem o mesmo corpo. No entanto, alguns teóricos espíritas afirmam que a incorporação se dá quando o Espírito, ainda que sob o controle do médium, tem a liberdade de movimentar por completo o corpo do mesmo, o que seria também chamado de **psicopraxia**. Ver: **Psicofonia**.

Ato em que o espírito desencarnado “entra” no corpo do médium para uma interação com os demais encarnados. O espírito do médium cede lugar momentaneamente para o espírito animador. Este sempre permanece no aparelho por algum tempo, sendo

totalmente impossível uma incorporação mais duradoura. O espírito que incorpora em um corpo pode doar ou sugar energias do corpo que lhe acolhe, dependendo do grau de adiantamento do espírito em questão. O espírito do médium permanece ligado a seu corpo pelo “cordão-de-prata”. A incorporação é um dos mais interessantes e praticados fenômenos espíritas. Suas possibilidades são muitíssimo vastas, não só do ponto de vista da comunicação efetiva com o espírito como sua interação com o meio físico mais propriamente. Verifica-se, em muitos casos, um grande desgaste por parte do espírito logo após a desincorporação, possivelmente devido a grande troca energética que se verifica entre o espírito, o médium e o meio. [...]. <sup>(9)</sup> (grifo do original)



Como complemento, transcrevemos da apostila **COEM - Centro de Orientação e Educação Mediúnica** (1978), em sua versão revisada e atualizada, com 239 páginas, publicada pelo Centro Espírita Luz Eterna - CELE, de Curitiba (PR), a seguinte explicação:

## INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

**É a forma de mediunidade que se caracteriza pela transmissão falada das mensagens dos Espíritos,** é, em nossos dias, a faculdade mais encontrada na prática mediúnica. É uma das mais úteis, pois, além de oferecer a oportunidade de diálogo com os Espíritos comunicantes, ainda permite a *orientação* e consolação dos Espíritos pouco esclarecidos sobre as verdades espirituais.

O papel do médium, seja ele consciente ou não, é sempre passivo, visto que servindo de intérprete nesse intercâmbio, deve compreender o pensamento do Espírito comunicante e transmiti-lo sem alteração, o que é tanto mais difícil, quanto menos treinado estiver.

**A incorporação é também denominada *psicofonia*,** preferindo alguns esta segunda denominação porque acham que ***incorporação poderia dar ideia do Espírito comunicante penetrando o corpo do médium, fato que sabemos não ocorrer.*** <sup>(10)</sup> (itálico do original)

É certo que esse tema ainda suscita muitas dúvidas. Embora não tenhamos realizado um levantamento quantitativo, é provável que a maioria dos estudiosos do Espiritismo – conforme relatos de

diversos deles – não aceite tal possibilidade.

A razão disso encontra-se em *O Livro dos Espíritos*, questão 473: *“O Espírito não entra num corpo como tu entras numa casa. [...] Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado”* <sup>(11)</sup>.

E, na questão 474, em seu comentário, Allan Kardec afirma: *“Dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessão segundo a ideia comumente associada a esta palavra”* <sup>(12)</sup>.

Esse pensamento é corroborado em *O Livro dos Médiuns*, capítulo “XXIII – Da obsessão”, onde o Codificador reforça: *“implica igualmente a ideia do ‘apoderamento’ de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação [...] para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo”* <sup>(13)</sup>. Mais à frente citaremos esse trecho de forma ampliada.

Entretanto, como o próprio Allan Kardec afirma que *“os fatos são mais concludentes do que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou destroem estas últimas”* <sup>(14)</sup>, coerentemente, ele

reuiu sua posição e passou a admitir a realidade da possessão física.

Essa mudança, se constata nos casos dos possessos de Morzine e da Srta. Julie, registrados na *Revista Espírita* e analisados em nosso ebook

**Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados** <sup>(15)</sup>.



Como não nos cabe aqui desenvolver esse pormenor, recomendamos sua leitura como complemento do presente ebook. Dele retiramos o seguinte quadro:

| <h2 style="text-align: center;">Codificação Espírita</h2> <h3 style="text-align: center;">Evolução do conceito sobre a posse física do encarnado</h3>                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1ª fase: os espíritos a negaram</b><br><br><b>Obsessão</b><br><b>Subjugação</b><br><b>Fascinação</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <b>Allan Kardec</b><br><br>a) jun/1858: IPME, Vocabulário<br>b) set/1862: OQéoE: (3ª ed.), item 43 (= item 73 da 6ª ed. de jul/1865) |
| <b>2ª fase: os fatos a comprovaram</b><br><br><b>Possessão</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <b>3ª fase: registro da nova posição</b><br><br><b>4ª fase: aplicação</b>                                                            |
| 1) abr/1857: LE, 1ª ed., q. 199<br>2) mar/1860: LE, 2ª ed., q. 473 e 474<br>3) jan/1861: LM, cap. XXIII, item 241<br><br>4) dez/1862-ago/1864: RE (Morzine)<br>5) dez/1863-jan/1864: RE (Srta. Julie)<br>ESE, cap. X, item 6<br>6) abr/1864: ESE, cap. XXVIII, item 81<br>RE<br>RLFE<br>7) fev/1865: RE (Morzine e Tananarive)<br>8) jun/1865: OQéoE, item 30<br>9) ago/1867: RE (Dr. Claudius)<br>10) out/1867: RE (Os adeuses) | 11) jan/1868: GN, cap. XIV, itens 47 a 49<br><br>12) fev/1869: RE (Médium Sr. Morin)                                                 |

Paulo Neto

Nesse quadro que elaboramos, nossa intenção é demonstrar como a Doutrina Espírita evoluiu do ceticismo inicial à aceitação da possibilidade de posse física, sempre guiada pela observação dos fatos e pela coerência doutrinária.

Entretanto, é oportuno destacar que o Codificador registrou sua nova posição em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, do qual transcrevemos estes trechos de dois de seus tópicos:

### 1º - Manifestações físicas. Mediunidade

41. **É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo;** é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que **o Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. **Como já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo,** mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele. <sup>(16)</sup>

## **2º) Obsessões e possessões**

47. **Na obsessão, o Espírito atua exteriormente,** com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.

**Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito livre se**

**substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio**, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. Por conseguinte, **a possessão é sempre temporária e intermitente**, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, considerando-se que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, item 18.)

**De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços, como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado;** no caso da possessão, é o desencarnado que fala e atua, de modo que, quem o haja conhecido em vida, **reconhecerá sua linguagem, sua voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.** <sup>(17)</sup>

Portanto, temos aí, como princípio doutrinário, que há, sim, possessão – apesar de alguns confrades, muito estranhamente, afirmarem que A

Gênese não faz parte da Codificação. É surpreendente até onde certas pessoas chegam para não abdicar de suas ideias...

No item 48 <sup>(18)</sup>, Allan Kardec esclarecerá que a possessão também poderá ocorrer por ação de um Espírito bom – aspecto importante para que não se confunda possessão com obsessão, já que essa última se dá exclusivamente pela influência de Espíritos maus.

Na resposta à questão 425 de **O Livro dos Espíritos**, é explicado que o sonambulismo...

**“É um estado de independência da alma**, mais completo que no sonho, estado em que as suas faculdades ficam mais desenvolvidas. A alma tem percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. **Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, não mais recebem as impressões exteriores.** Esse estado se manifesta principalmente durante o sono; é o momento em que **o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo**, por se encontrar este gozando do

repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que **o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, entrega-se a uma ação qualquer que necessita do uso do seu corpo, do qual ele então se serve**, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo de vossa mão no caso das comunicações escritas. [...] **os sonâmbulos não se recordam do que se passou no estado sonambúlico [...].**" <sup>(19)</sup> (itálico do original)

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo "XIV – Médiuns", item 172, Allan Kardec embora informe que no sonambulismo "*são duas ordens de fenômenos*" <sup>(20)</sup>, propomos acrescentar uma terceira ordem, ampliando para três:

1ª) Emancipado, o Espírito do sonâmbulo reassume o corpo físico, que se encontra em estado letárgico e por ele se manifesta <sup>(21)</sup>;

2ª) O sonâmbulo transmite o pensamento de algum Espírito que lhe assiste <sup>(22)</sup>;

3ª) O Espírito comunicante incorpora-se no corpo do médium e diretamente transmite seu

pensamento <sup>(23)</sup>).

Para nós a evidência da incorporação no caso do Sr. Morin é tão clara que causa estranheza a negativa de sua ocorrência por parte significativa de espíritas brasileiros.

Embora essa ideia esteja presente em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ele a retificou posteriormente em *A Gênese*. Muitos espíritas que não se aprofundam no estudo doutrinário continuam a divulgar essa interpretação inicial, sem considerar a evolução do pensamento do Codificador. Por isso, vale a pena examinar o que é dito sobre o assunto em cada uma dessas obras.

Nega-se sobretudo quando somente se considera o que consta em ***O Livro dos Espíritos***, na resposta à questão 473:

473. *Um Espírito pode tomar momentaneamente o invólucro corpóreo de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar do Espírito que nele se encontra encarnado?*

**“O Espírito não entra num corpo como entras numa casa. Identifica-se**

**com um Espírito encarnado**, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, **a fim de agirem conjuntamente**. Mas é sempre o Espírito encarnado quem atua, conforme queira, sobre a matéria de que se acha revestido. **Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado**, pois este terá que permanecer ligado ao seu corpo até o termo fixado para sua existência material.” (24)

Um alerta, porém, se faz necessário àqueles que consideram as obras publicadas pelo Codificador como prontas e acabadas, sem admitir qualquer acréscimo ou desenvolvimento. Para tanto, transcrevemos, a seguinte fala esclarecedora de Allan Kardec constante na **Revista Espírita 1867**:

[...] Do fato de que **o estado de nossos conhecimentos** não nos permita deles dar ainda uma explicação concludente, isto não prejudicaria nada, porque **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de**

**observações ulteriores.** O Espiritismo **não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência** cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. <sup>(25)</sup>

Ainda que essa advertência de Allan Kardec seja cristalina, boa parte dos espíritas não hesita em rejeitar qualquer ideia que não esteja expressamente contida nas obras da Codificação. Esquecem-se de que o próprio Codificador nos convidou a manter o espírito investigativo e aberto, reconhecendo que o Espiritismo é uma ciência em permanente construção.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “XXIII – Obsessão”, no item 241, lemos:

Dava-se antigamente o nome de possessão ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. **A possessão seria, para nós, sinônimo de subjugação.** Deixamos de adotar esse termo por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, **porque implica igualmente a ideia do “apoderamento” de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento.** A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo; há somente *obsidiados, subjugados e fascinados.* <sup>(26)</sup> (itálico do original)

Nesse ponto, o Codificador reafirma a posição já exposta em *O Livro dos Espíritos*. No entanto, até então ele não havia se defrontado com os fatos – como os possessos de Morzine e o caso da Srta. Julie – que o levariam a rever esse entendimento. Com isso, Allan Kardec demonstra que o Espiritismo é progressivo em seus detalhes, acompanhando o avanço das pesquisas e a incorporação de novos

conceitos científicos.

Como visto, em *A Gênese* está registrada de forma clara e objetiva a nova interpretação de Allan Kardec sobre a possessão. Ainda que alguns leitores menos habituados ao corpo doutrinário do Espiritismo não a reconheçam como parte integrante e inseparável de seu arcabouço, trata-se de um posicionamento consolidado na fase final da Codificação.

## Crenças e equívocos sobre a incorporação



Como exemplo do pensamento comum entre os espíritas sobre esse tema, transcrevemos a seguinte questão, publicada em setembro de 2010 no site do

**CEAL - Centro Espírita André Luiz**, Guará (DF):

### Existe a incorporação de Espíritos?

No sentido semântico do termo **não existe incorporação**, pois nenhum Espírito conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. **O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja, mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado.** Na mediunidade equilibrada, o médium tem um maior controle de sua faculdade e **o fenômeno mediúnico acontece mais a nível mental.** Nos processos obsessivos graves (doenças mórbidas causadas por Espíritos inferiores),

onde a mediunidade está perturbada, podem ocorrer crises nervosas. Observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo. Foi esse fenômeno que deu origem às práticas de exorcismo. <sup>(27)</sup>

É oportuno trazer ao nosso estudo três outras opiniões que têm grande potencial de influenciar alguns confrades a manterem-se firmes na crença de que não há posse física.

A primeira delas encontra-se na obra **Desafios da Mediunidade** (2001), psicografada por José Raul Teixeira <sup>(28)</sup>, na qual o **Espírito Camilo** responde à pergunta: “É correto falar-se em ‘incorporação’?”:



Não se trata bem da questão de certo ou errado. Trata-se de uma utilização tradicional, uma vez que **nenhum estudioso do Espiritismo, hoje em dia, irá supor que um desencarnado possa “penetrar” o corpo de um médium,** como se poderia admitir num passado não

muito distante. [...]. <sup>(29)</sup>

Ao declarar que “nenhum estudioso do Espiritismo” admite “que um desencarnado possa ‘penetrar’ o corpo de um médium”, Camilo reforça sua posição, sugerindo de forma clara que admitir a possessão é um erro de interpretação.



A segunda, consta da obra é **Mediunidade: Tudo o Que Você Precisa Saber** (2003), de **Richard Simonetti** (1935-2018), renomado escritor espírita bauruense, da qual destacamos:

1 – O que é a mediunidade de incorporação?

Embora consagrado pelo uso, **esse termo é equivocado. Sugere que o Espírito manifestante entra no corpo do médium para transmitir seu pensamento, o que não acontece. Nosso corpo é inalienável, não é passível de ter substituto ou de, eventualmente, abrigar um Espírito.** Quando muito, podemos dizer que o médium “incorpora” as impressões, ideias e sensações da entidade. <sup>(30)</sup>



No **Programa Transição 001 (RedeTV!)**, exibido em 12/10/2008, **Divaldo P. Franco** (1927-2025) <sup>(31)</sup>, ao tratar do tema “Mediunidade”, comentou uma cena do filme *Ghost: do outro lado da vida*:

Gostaria de fazer um pequeno adendo. É que posteriormente, nas comunicações **tem-se a impressão que o desencarnado entrava no corpo da médium para poder comunicar-se. Essa informação não é verdadeira.** Embora o filme seja muito bem elaborado, ele foge um pouco à técnica do fenômeno da mediunidade. Os fenômenos mediúnicos ocorrem através do perispírito do médium. O perispírito do desencarnado ou corpo astral, como normalmente é denominado, ao acoplar-se ao corpo astral do médium ou perispírito, palavra cunhada por Allan Kardec, transmite as suas emoções, as suas sensações e através do direcionamento psíquico comandando o chacra coronário e o chacra cerebral, a sede da consciência e a sede da superconsciência, transmite com naturalidade as informações. Foi um dos detalhes que, no filme, me chamou a atenção. **Dando a impressão que o**

**espírito entra no médium, conforme o líquido no vasilhame, não é exatamente assim. <sup>(32)</sup>**

Ao apresentar essas três opiniões, nosso propósito é evidenciar que não se deve aceitar de forma acrítica o que afirmam os Espíritos ou mesmo os espíritas, ainda que se destaquem como profundos conhecedores da Doutrina, pois cada um expressa a partir do próprio nível de conhecimento – o que não significa que, necessariamente, esteja correto. É essencial confrontar tais posicionamentos com o conjunto da Codificação e com a observação criteriosa dos fatos, lembrando sempre que todos somos falíveis.

## O que se encontra na Codificação

Jayme Cerviño (1926-1975), médico e biólogo, desenvolveu uma série de pesquisas no campo da mediunidade <sup>(33)</sup>, em **Além do Inconsciente** (1968), capítulo “III - Transe mediúnico”, tópico “Os efeitos intelectuais”, explica-nos que:

[...] **O conceito vulgar de incorporação aplicado à psicofonia** decorre, portanto de razões puramente fisiológicas ou psicofisiológicas que, em última análise, dão à linguagem falada a categoria de comportamento global e, sem dúvida, mais especializado de conduta segmentar. Tudo se reduz em termos mediunológicos, à extensão do transe. Kardec, observador sagaz que todos devem reconhecer como pioneiro nesses estudos, independentemente das convicções filosófico-religiosas de cada um, **referiu-se a médiuns falantes, e cunhou o étimo psicofonia**, mas, **até aonde** (sic) **sabemos nunca usou a palavra “incorporação” para designar esse fenômeno.** <sup>(34)</sup>

Julgamos oportuno confirmar o que também havíamos constatado: a não utilização do termo “incorporação” por Allan Kardec.

Cumpre-nos esclarecer que os pontos que a seguir abordaremos constam do nosso ebook ***Mediunidade: a Base é o Médium “Receber e Transmitir”?*** <sup>(35)</sup>. Nesse ebook, já citado anteriormente, o tema é explorado de forma mais ampla; aqui apresentaremos apenas uma ideia geral.

Dentro de nosso entendimento, Allan Kardec não detalhou esses casos; contudo, em algumas situações, é possível perceber que há um campo aberto a essa possibilidade. Além do caso da possessão, já analisado no capítulo anterior, podemos citar certos pontos abordados por ele, que contribuem para uma melhor compreensão do assunto.

Vejamos em ***O Livro dos Médiuns***, Primeira parte, capítulo “I – Há Espíritos?”, o seguinte trecho do item 5.

[...] Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional não admitirdes a

sobrevivência das afeições? Visto que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios que estejam à sua disposição? Quando vivo não atuava sobre a matéria do corpo? Não era ele que lhe dirigia os movimentos? **Por que razão não poderia a alma, após a morte, entrar em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, utilizar-se desse corpo vivo, para manifestar o seu pensamento,** como um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? <sup>(36)</sup>

A utilização do corpo físico de um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado parece-nos ser, ainda que de modo não muito explícito, uma possibilidade tratada nesse trecho. Allan Kardec não aprofunda o tema, mas a analogia que utiliza sugere claramente que o corpo do médium pode servir como instrumento de manifestação de outro Espírito, tal como uma pessoa que fala empresta sua voz ao mudo que deseja se fazer compreender.

Em **O Livro dos Médiuns**, Primeira parte, capítulo “IV – Sistemas”, item 51, o Espírito

Lamennais apresenta três aspectos diferentes pelos quais se dá o fenômeno da comunicação espiritual, cujo mecanismo teria no perispírito sua base fundamental:

1º) pelo corpo (incorporação completa)

2º) pelo perispírito (envolvimento parcial de algum membro do corpo)

3º) pelo Espírito (comunicação “*mente a mente*” ou telepática).

4º) pelo Espírito utilizando-se de um apetrecho (cesta, prancheta, etc.)

Ainda em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda parte, capítulo “XII – Pneumatografia ou escrita direta. Pneumatofonia”, item 146, o Codificador define:

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a **transmissão do pensamento do Espírito**, mediante a escrita feita com a mão do médium. <sup>(37)</sup> (Itálico do original)

Ao destacar a particularidade da transmissão do pensamento do Espírito na psicografia, Allan Kardec sugere que, ao menos nesse tipo de manifestação, existe uma ligação mental entre o encarnado e o desencarnado. Esse ponto é frequentemente utilizado por estudiosos que defendem que os fenômenos mediúnicos, em sua essência, se baseiam nesse tipo de conexão – uma comunicação de “*mente a mente*”.

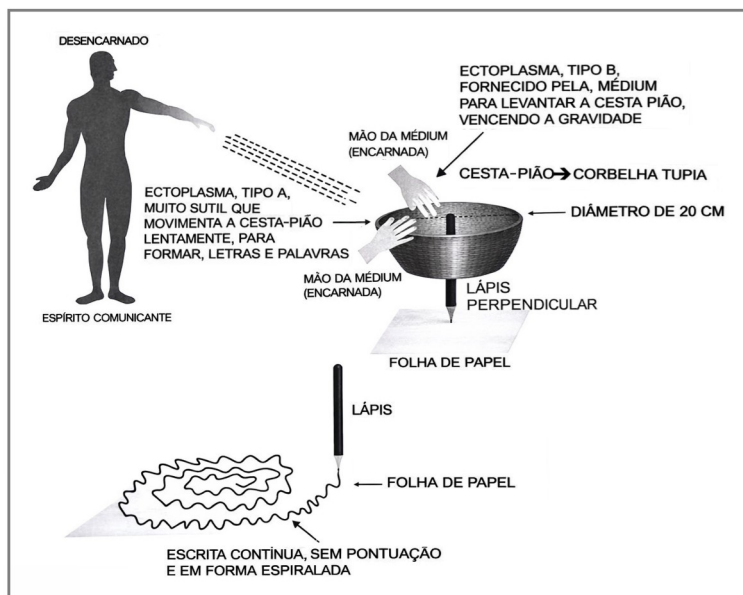
Avançando em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, destacamos estes dois trechos:

1º) Capítulo “XIII – Psicografia”, item 157, lemos:

Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é preciso levar em conta o que se passa na operação. **O Espírito comunicante atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever**, sem ter – pelo menos é o caso mais comum – a menor consciência do que escreve. **A mão atua sobre a cesta e a**

**cesta sobre o lápis. [...].** <sup>(38)</sup> (itálico do original)

Encontramos na obra ***O Livro dos Espíritos - Primeira Edição de 1857*** a seguinte imagem <sup>(39)</sup>, representativa desse processo:



2º) Capítulo “XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, tópico “Médiuns mecânicos”, item 179, temos:

**Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da**

vontade deste último. **Enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium**, parando somente quando o ditado termina.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que **o médium não tem a menor consciência do que escreve**. [...].  
(<sup>40</sup>)

Nota-se aqui uma diferença significativa em relação ao caso anterior: Allan Kardec não menciona a transmissão de pensamento, mas sim a atuação direta do Espírito, que impulsiona o médium a escrever.

Não estaria, portanto, configurada uma ação direta do Espírito comunicante sobre o braço do médium? Se assim for, o fenômeno não se enquadraria no conceito de *“mente a mente”* tal como geralmente entendido.

No capítulo “XIV – Médiuns” de ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, tópico “Médiuns falantes”, item 166, Allan Kardec descreve:

Os médiuns audientes, os que apenas

transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, na maior parte das vezes, nada ouvem. **Neles o Espírito atua sobre os órgãos da palavra**, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando quer comunicar-se, **o Espírito se serve dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium**. De um, utiliza a mão; de outro, a palavra; de um terceiro, os ouvidos. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até mesmo, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente se lembra do que disse. Em suma, nele a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como o faz com o auxílio de um médium audiente. <sup>(41)</sup> (itálico do original)

Ao caracterizar o médium falante, o Codificador destaca a atuação direta do Espírito sobre os órgãos da palavra, de modo semelhante ao que ocorre com os médiuns escreventes. Isso indica que a comunicação “*mente a mente*” não é a única base do fenômeno – embora, em última instância,

seja sempre uma mente que o produz.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, capítulo “XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, tópico “Médiuns intuitivos”, do item 180, destacamos o seguinte trecho do primeiro parágrafo:

[...] A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que designamos por esse nome o Espírito encarnado. **O Espírito comunicante não atua sobre a mão** para fazê-la escrever; não a toma, nem a guia. **Atua sobre a alma, com a qual se identifica.** A alma do médium, sob esse impulso, dirige sua mão e a mão dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: **o Espírito comunicante não substitui a alma do médium**, visto que não poderia deslocá-la; domina-a, à revelia dela, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é inteiramente passivo; é ela quem recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*. <sup>(42)</sup> (itálico do original)

No caso dos médiuns intuitivos, Allan Kardec explica que a ação do Espírito sobre a alma do médium, caracteriza uma comunicação “*mente a mente*” como base do fenômeno. Contudo, fica evidente que esse não é o único mecanismo possível, mas apenas uma das formas de interação espiritual entre desencarnados e encarnados.

Vejamos a seguinte nota de Allan Kardec relativa aos médiuns pneumatógrafos, citados no item 189, do capítulo “XVI – Médiuns especiais”, Segunda parte de **O Livro dos Médiuns**:

Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: “Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção **o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium**, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, **ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.**”  
(<sup>43</sup>)

Esse trecho sugere que, nos fenômenos de

efeitos inteligentes, há sempre a utilização do cérebro do médium. Entretanto, isto não significa que todos os casos se reduzam à ligação “*mente a mente*”.

Ao se analisar a mediunidade em termos gerais, a questão se torna mais complexa, como se vê na resposta à questão 6 do item 223, tópico “Influência do Espírito pessoal do médium”, no capítulo “XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas”, da Segunda parte de ***O Livro dos Médiuns***;

*6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?*

**“O Espírito do médium é o intérprete** porque está ligado ao corpo que serve para falar, e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância, desde que haja, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita.” <sup>(44)</sup>  
(itálico do original)

Aqui, os Espíritos afirmam que o médium funciona como intérprete, estabelecendo uma conexão necessária entre o comunicante e os encarnados. Essa explicação reforça a ideia de comunicação “*mente a mente*”, mas parece contrastar com a distinção anterior entre fenômenos de ordem física e de ordem inteligente.

Em **A Gênese**, capítulo “XIII – Características dos milagres”, tópico “O Espiritismo não faz milagres”, item 5, Allan Kardec afirma:

**Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado.** Como Espírito, faz o que fazia o homem, na medida de suas capacidades; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, **serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado**, que vem a ser o que se chama *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* do encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. <sup>(45)</sup>

(itálico do original)

Nas duas condições – quer como encarnado ou desencarnado – a atuação do Espírito sobre a matéria, no caso o corpo físico, abre espaço, segundo entendemos, para a possibilidade da incorporação, no sentido pleno do termo.

Ainda em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Manifestações físicas. Mediunidade”, item 41, o Codificador complementa:

**É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo;** é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. [...].

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que **o Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Como **já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo, mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele.**

Esse complemento torna ainda mais clara a questão do uso do corpo físico do encarnado por um Espírito no processo de comunicação.

Vejamos, por oportuno, o seguinte trecho do relato “Um caso de possessão – Senhorita Julie”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de dezembro:

Várias pessoas achavam-se um dia na casa de **uma senhora médium sonâmbula**. De repente esta **tomou ares todos masculinos, sua voz mudou**, e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: “Ah! meu caro amigo, quanto estou contente de te ver!” Surpreso, perguntou-se-lhe o que isso significava. A senhora retomou: “Como! meu caro, tu não me reconheces? Ah! é verdade; estou todo coberto de lama! **Sou Charles Z...**” A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor morto, alguns meses antes, atingido de um ataque de apoplexia, na beira de um caminho; tinha caído num fosso, de onde se tinha retirado seu corpo, coberto de lama. **Ele declara** que, querendo conversar com seu antigo amigo, **aproveitou de um momento em**

**que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar.**

Com efeito, tendo se renovado esta cena vários dias seguidos, **a senhora A... tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles**, virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, **poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si**; no entanto, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. Uma vez que tomastes posse do corpo da senhora A..., poderíeis ali ficar? – R. Não, mas isso não é a boa vontade que me falta.

P. Por que não o podeis? – R. Porque seu Espírito está sempre preso ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *pregar-lhe-ia uma peça*.

P. **Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A...?** – R. **Estava lá, ao lado**, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário.

[...] o Sr. Charles [...] era pouco avançado como Espírito, mas naturalmente bom e benevolente. **Tomando do corpo da senhora A..., não tinha nenhuma intenção má**; também essa senhora não sofria de nenhum modo dessa situação, à

qual se prestava de boa vontade, [...].

**A possessão é aqui evidente** e ressalta melhor dos detalhes, que seria muito longo reportar; mas é uma possessão inocente e sem inconveniente. [...]. <sup>(47)</sup>  
(itálico do original)

No parágrafo inicial, Allan Kardec já deixou bem claro que *“nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao encarnado”* <sup>(48)</sup>. Somando-se esse caso da Srta. Julie ao dos possessos de Morzine, encontramos a base factual que levou o Codificador a rever o entendimento anterior sobre a possessão física, passando a admiti-la como fenômeno comprovado.

No artigo “Um criminoso arrependido”, publicado na **Revisa Espírita 1864**, mês de outubro, Allan Kardec <sup>(49)</sup> relata que durante a sua visita aos espíritas de Bruxelas presenciou a manifestação do Espírito Jacques Latour. Eis os principais pontos do relato, destaque para os seus comentários:

Uma senhora médium, estando chamada a escrever, e não tendo sido feita nenhuma evocação especial, ela traçou com uma agitação extraordinária, em grossos caracteres, e depois de ter violentamente riscado o papel, estas palavras:

“Eu me arrependo, eu me arrependo; Latour.”

Surpresos com essa comunicação inesperada, que nada havia provocado, porque ninguém pensava nesse infeliz do qual a maioria dos assistentes ignorava mesmo a morte, dirige-se ao Espírito algumas palavras de comiseração e de encorajamento; depois se lhe faz esta pergunta:

Que motivo pôde vos convidar a vir entre nós, antes que em outra parte, uma vez que não vos chamamos?

**O médium, que é também médium falante, respondeu de viva voz:**

“Vi que sois almas compassivas e que teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou bem se afastam de mim com horror.”

**Então começou uma cena indescritível, que não durou menos de meia hora. O médium, juntando à palavra os gestos e a expressão da fisionomia, é evidente que o Espírito se**

**identificou a com sua pessoa; às vezes, seus acentos de desespero são tão dilacerantes, pintam suas angústias e seus sofrimentos com um tom tão doloroso, suas súplicas são tão veementes, que todos os assistentes com ele ficam profundamente emocionados.**

Alguns mesmo estavam temerosos da superexcitação do médium, mas pensávamos que um Espírito que se arrepende e que implora a piedade não oferecia nenhum perigo. **Se emprestou seus órgãos, foi para melhor pintar sua situação e interessar mais pela sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possessivos, em vista de se apoderar dele para dominá-lo.** Isto lhe foi permitido, sem dúvida, em seu próprio interesse, e talvez também para a instrução das pessoas presentes.

[...].

**Depois desta cena, o médium, durante algum tempo, está cansado e abatido; seus membros fatigados. [...].**

**No dia seguinte, numa nova reunião, o Espírito se manifestou ainda e recomeçou, durante alguns minutos somente, a cena da véspera, com a mesma pantomima expressiva, mais menos violenta; depois ele escreveu, pelo mesmo médium, com uma agitação febril,**

A descrição de que o Espírito “*Se emprestou seus órgãos, foi para melhor pintar sua situação e interessar mais pela sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possessivos, em vista de se apoderar dele para dominá-lo*”, e pela própria descrição de sua manifestação, entendemos que nesse caso o Espírito tomou posse do corpo da médium, para se utilizar de seus órgãos.

Nos rituais de algumas casas de Umbanda <sup>(51)</sup>, observa-se que um médium totalmente “tomado” por um Espírito chega, em alguns casos, a beber até um litro de cachaça (marafa), sem que isso lhe cause qualquer alteração perceptível. Após o término da manifestação, o médium retorna ao estado normal, como se nada tivesse bebido.

Será possível explicar tal fenômeno apenas pela ligação de “*mente a mente*”? Nossa hipótese é que, estando o Espírito desencarnado acoplado ao corpo físico do médium, ao se desligar leva consigo, impregnadas no seu perispírito, as energias resultantes da ingestão da bebida – o mesmo

ocorrendo com o uso do fumo.

É importante recordar, por fim, que Allan Kardec não pôs um ponto final do que recebeu dos Espíritos, conforme ele próprio declarou. Portanto, se a experiência diária nos conduz a novas conclusões sobre determinados fenômenos, não estaremos o contrariando, mas sim agindo em conformidade com sua orientação de que a observação e o estudo contínuo devem sempre ampliar a compreensão da mediunidade.

## Manifestações mediúnicas por incorporação

Nossa percepção atual é de que a mediunidade de incorporação pode apresentar as seguintes formas de manifestação:

| <b>Gênero de mediunidade</b> | <b>Produção mediúnica</b> | <b>Utiliza o corpo do médium:</b>                       |
|------------------------------|---------------------------|---------------------------------------------------------|
| Incorporação                 | Psicofonia                | Para falar                                              |
|                              | Psicografia               | Para escrever                                           |
|                              | Orador                    | Para trabalhar na oratória                              |
|                              | Psicopictográfico         | Para desenhar ou pintar, seja com as mãos ou com os pés |
|                              | Escultor                  | Para fazer esculturas                                   |
|                              | Musicista                 | Para tocar instrumento musical                          |
|                              | Xenoglossia               | Para falar em línguas estrangeiras                      |

Certamente, não estamos, nem pretendemos, “bater o martelo” quanto ao conteúdo desse quadro; trata-se apenas da nossa percepção atual, sujeita,

naturalmente, a revisão diante de novos estudos e evidências.

Na obra *Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio Sobre o Modelo Organizador Biológico* (1984), o autor de **Hernani Guimarães Andrade** (1913-2003), esclarece-nos que:

**A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação:** psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total com manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc.  
(<sup>52</sup>)

O que o destacado pesquisador da reencarnação afirma é exatamente o que temos defendido, após umas três décadas de estudo do Espiritismo. As experiências que tivemos ao longo desse período nos deu convicção quanto a essa realidade, embora não a vemos sendo defendida

por confrades de maior conhecimento que o nosso.

Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas”, tópico “Aptidão de certos médiuns para coisas que não conhecem, como línguas, música, desenho etc.” do item 223, destacamos:

*16. Se é assim, o Espírito só poderia exprimir-se na língua do médium. Entretanto, é sabido que escreve em idiomas que o médium desconhece. Não há aí uma contradição?*

“Notai, primeiramente, que nem todos os médiuns são igualmente aptos a esse gênero de exercício e, depois, que os Espíritos só se prestam a isso acidentalmente, quando julgam que pode ter alguma utilidade. Para as comunicações habituais e de certa extensão, **preferem servir-se de uma língua que seja familiar ao médium, porque lhes apresenta menos dificuldades materiais a vencer.**”

*17. A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não provém da circunstância de essa língua lhes ter sido familiar em outra existência e de haverem guardado a intuição dela?*

“Certamente isso pode acontecer, mas não constitui regra. **Com algum esforço, o Espírito pode vencer momentaneamente a resistência material que encontra.** É o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.”

18. ***Uma pessoa que não sabe escrever poderia escrever como médium?***

“**Sim**, mas facilmente se compreende que terá de vencer grande dificuldade mecânica, por faltar à mão o hábito do movimento necessário para formar letras. **Dá-se a mesma coisa com os médiuns desenhistas, que não sabem desenhar.**”

19. *Um médium de pouquíssima inteligência poderia transmitir comunicações de ordem elevada?*

“Sim, em virtude da mesma razão pela qual um médium pode escrever numa língua que lhe seja desconhecida. A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, bem como das qualidades morais. Em falta de instrumento melhor, o Espírito pode servir-se daquele que tem à mão. Porém, é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. Há, também, outra consideração: o idiota muitas vezes só se apresenta como idiota por causa da imperfeição de seus

órgãos materiais, podendo seu Espírito, no entanto, ser mais adiantado do que se pensa. Tendes a prova disso em certas evocações de idiotas, mortos ou vivos.”

OBSERVAÇÃO - Este é um fato comprovado pela experiência. Já evocamos inúmeras vezes Espíritos de idiotas vivos, os quais deram evidentes provas de sua identidade e responderam com muita sensatez e mesmo de modo superior às questões que lhes foram propostas. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se vê. Um médium idiota pode, pois, oferecer ao Espírito que queira manifestar-se mais recursos do que se pensa. (Veja-se: Revista espírita, julho de 1860, artigo sobre a Frenologia e a Fisiognomonía.)

*20. Como se explica a aptidão de certos médiuns para escrever em verso, apesar de ignorantes em matéria de poesia?*

“A poesia é uma linguagem. **Eles podem escrever em verso, como podem escrever numa língua que desconheçam.** Depois, é possível que tenham sido poetas em outra existência e, como já vos dissemos, **os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito**, que tem de chegar à perfeição em todas as coisas. Nesse caso, o que eles aprenderam no passado lhes dá uma facilidade de que não dispõem no estado

habitual, mesmo que não se deem conta desse fato.”

21. *Do mesmo modo, é assim que se explica a aptidão especial para o desenho e a música?*

“Sim. O desenho e a música também são formas de expressão do pensamento. **Os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidade.**”

22. *A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música depende unicamente da aptidão especial do médium, ou também da aptidão do Espírito que se comunica?*

“Algumas vezes, do médium; outras vezes, do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões. Os Espíritos inferiores só dispõem de conhecimentos limitados.” <sup>(53)</sup> (itálico do original)

Não há nada de positivo, ao contrário, tudo parece se ligar ao próprio médium, conhecimento de vidas pregressas, porém, devemos levar em conta que nessa época Allan Kardec não havia pesquisados os casos pelos quais passa a aceitar a possessão física – os possesores de Morzine e o caso da Srta. Julie – fato que ocorreu de setembro a outubro de

1862.

Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XVII – Formação dos médiuns”, tópico “Mudança de caligrafia”, item 219, lemos:

**Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança de caligrafia**, conforme os Espíritos que se comunicam. O que há de mais notável, é que a mesma caligrafia se reproduz, constantemente, com determinado Espírito, **sendo às vezes idêntica à que ele tinha em vida**. Veremos mais tarde as consequências que daí se pode tirar, com relação à identidade dos Espíritos. **A mudança de caligrafia só se dá com os médiuns mecânicos ou semimecânicos**, porque **neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito**. [...]. <sup>(54)</sup>

Pode ser que estejamos enganados, mas nossa hipótese atual é que, nos casos de mudança de caligrafia, o fenômeno ocorre por incorporação, já que o Espírito comunicante exerce um grau de controle sobre o corpo do médium que lhe permite reproduzir a caligrafia que tinha em vida. Na *Revista*

*Espírita* encontram-se diversos relatos de reconhecimento de assinaturas dos Espíritos comunicantes, apresentados como confirmação de identidade espiritual (<sup>55</sup>).

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de novembro, foi publicado o artigo “Médium pintor (Extraído do *Spiritualiste* de Nova Orleans)”, do qual destacamos:

Não podendo todo mundo ser convencido pelo mesmo gênero de manifestações espirituais, foi preciso se desenvolverem médiuns de muitas espécies. Há, nos Estados Unidos, **os que fazem retratos de pessoas mortas há muito tempo, e que jamais conheceram**; e como a semelhança é logo constatada, poucas pessoas sensatas, que testemunham esses fatos, não deixam de se converterem. **O mais notável desses médiuns é talvez o senhor Roger**, que já citamos (vol. I, p. 239), e que habitava, então, Columbus, onde **exercia sua profissão de alfaiate**; poderíamos acrescentar que não teve outra educação, além daquela do seu estado.

[...] oferecemos a tradução seguinte, que abreviamos, de um artigo escrito em 27 de julho último, pelo senhor Fayette R. Gridley, de Attica (Indiana), aos editores do *Spiritual Age*, que o publicou por inteiro em sua folha

de 14 de agosto:

No mês de maio último, o senhor E. Roger, de Cardington (Ohio), que, como sabeis, **é médium pintor e faz retratos de pessoas que não estão mais neste mundo**, veio passar alguns dias em minha casa. Durante essa curta estada, foi arrebatado por um artista invisível que se deu por Benjamin West, e **ele pintou alguns belos retratos, de tamanho natural**, assim como outros menos satisfatórios.

Eis algumas particularidades relativas a dois desses retratos.

**Foram pintados pelo dito E. Roger, em um quarto escuro, em minha casa, no curto intervalo de uma hora e trinta minutos**, dos quais em torno de uma meia-hora se passou sem que o médium fosse influenciado, e eu a aproveitei para examinar seu trabalho, que não estava ainda acabado. Roger foi arrebatado de novo e terminou esses retratos. Então, e sem nenhuma indicação quanto aos sujeitos assim representados, um dos retratos foi em seguida reconhecido como sendo de meu avô, Elisha Gridley; minha mulher, minha irmã, a senhora Chaney, e depois meu pai e minha mãe, todos foram unânimes em acharem a semelhança boa; é um fac-símile do velho, com todas as particularidades de sua cabeleira, de seu colarinho de camisa,

etc. Quanto ao outro retrato, nenhum de nós o reconhecendo, pendurei-o em minha loja, à vista dos passantes, e permaneceu uma semana sem ser reconhecido por ninguém. [...].

Segue a transcrição, entretanto o que aqui nos interessa é esta nota que Allan Kardec insere ao final:

Já **conhecemos os médiuns desenhistas**; além dos notáveis desenhos, dos quais demos um espécime, mas que nos retratam coisas das quais não podemos verificar a exatidão, **vimos executar, sob nossos olhos, por médiuns inteiramente estranhos a essa arte**, esboços muito reconhecíveis de pessoas mortas, que jamais haviam conhecido; **mas daí para um retrato pintado dentro das regras, há uma distância**. Essa faculdade se liga a um fenômeno muito curioso do qual somos testemunhas neste momento, e de que falaremos proximamente. <sup>(56)</sup>

Em nossa opinião, esse é mais um caso registrado de fenômeno de incorporação.

Na **Revista Espírita 1858**, ainda no mês de novembro, supomos encontrar outro caso, que está registrado com o título de “Uma noite esquecida ou a

feiticeira Manousa”, do qual transcrevemos:

No correr do ano de 1856, as experiências de manifestações espíritas que se fizeram na casa do senhor B..., rua Lamartine, aí atraíram uma sociedade numerosa e escolhida. Os Espíritos que se comunicavam nesse círculo, eram mais ou menos sérios; alguns aí disseram coisas admiráveis de sabedoria, de uma profundidade notável, o que pode se julgar, pelo que aí foi começado e feito em sua maior parte. Outras eram menos graves; [...] Desse número era Frédéric Soulié, que veio por si mesmo e sem ser convidado, mas cujas visitas inesperadas eram sempre, para a sociedade, um passatempo agradável. [...].

O médium que lhe servia de intérprete era a senhorita Caroline B..., uma das filhas do senhor da casa, médium do gênero exclusivamente passivo, **não tendo jamais a menor consciência daquilo que escrevia**, e **podendo rir e conversar à direita ou à esquerda**, o que fazia de bom grado, **enquanto a sua mão caminhava**. O meio mecânico empregado foi, durante muito tempo, **a cesta-pião, descrita em nossa instrução prática**. Mais tarde, o médium serviu-se da psicografia direta.

Perguntar-se-á, sem dúvida, que provas tínhamos que o Espírito que se comunicava

era o de Frédéric Soulié, antes que qualquer outro. Não é aqui o caso de tratar a questão da identidade dos Espíritos; diremos somente que o de Soulié se revelou por mil circunstâncias de detalhes que não podem escapar a uma observação atenta; só uma palavra, um chiste, um fato pessoal narrado, vieram nos confirmar que era bem ele; **várias vezes deu sua assinatura que foi confrontada com originais.** Um dia pediram que desse seu retrato, e o médium, que não sabe desenhar, que nem jamais o viu, traçou um esboço de uma semelhança marcante. <sup>(57)</sup>

Há um bom tempo passamos admitir que, nos casos em que os médiuns reproduzem fielmente a caligrafia do comunicante quando esse era vivo, trata-se de fenômeno de incorporação. Hoje, mantemos essa compreensão até que surjam evidências em contrário.

Em novembro de 1862 o Codificador publica o relatório **Viagem Espírita em 1862**, no qual reporta acontecimentos e insere vários discursos, do qual ressaltamos de “Impressões Gerais”:

Os médiuns igualmente se multiplicam,

havendo poucos grupos que não contem vários deles, sem falar da quantidade, bem mais considerável, dos que não pertencem a nenhum agrupamento, servindo-se de sua faculdade apenas para si e para os amigos. [...] Lyon dispõe de **vários médiuns desenhistas notáveis**; um deles utiliza a técnica do óleo sobre tela **sem jamais haver aprendido a desenhar, nem pintar**. Há muitos médiuns videntes, cuja faculdade pudemos constatar. Em Marennes há também uma senhora, médium desenhista e, ao mesmo tempo, excelente médium escrevente, tanto no que respeita às dissertações quanto às evocações. Em Saint-Jean d'Angély vimos um médium mecânico que podemos considerar excepcional. Trata-se de **uma dama que escreve longas e belas comunicações enquanto lê seu jornal ou toma parte na conversa**, sem sequer olhar a própria mão. Sucede, por vezes, não se dar conta de já haver terminado o ditado. **Os médiuns iletrados** são bastante numerosos e **muitos psicografam sem jamais terem aprendido a escrever**. Isso não é mais extraordinário do que ver **desenhar um médium que não aprendeu o desenho**. Mas, o que é *característico, é a evidente diminuição dos médiuns de efeitos físicos, à medida que se multiplicam os de comunicações inteligentes*. [...]. <sup>(58)</sup>

Nessa transcrição encontramos mais um registro da existência de médiuns que não sabiam escrever ou desenhar, mas que, sob influência de Espíritos, produziram tais manifestações.

No caso da médium de Saint-Jean d'Angély, pode-se levantar a hipótese de uma incorporação parcial ou, talvez, de um fenômeno de efeitos físico, em que a ação espiritual se deu diretamente sobre a matéria - lápis ou caneta, independentemente da intervenção consciente da médium, se assim podemos dizer.

Em **O que é o Espiritismo** (1865) <sup>(59)</sup>, no capítulo “II - Noções elementares de Espiritismo”, tópico “Comunicação com o mundo invisível”, item 30, lemos:

É igualmente por meio do perispírito que o Espírito faz os médiuns **escreverem, falarem ou desenharem**; não possuindo corpo tangível para atuar ostensivamente, quando ele quer se manifestar, **o Espírito serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apossa, fazendo-os agir como se fossem seus**, por um eflúvio com que ele os envolve e penetra. <sup>(60)</sup>

É bastante significativo o fato do Espírito se apossar dos órgãos do corpo do médium, o que, sem dúvida, pode ser entendido como possessão física e, que, em determinadas situações, designado de incorporação.

E, finalizando, trazemos de **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Manifestações Físicas. Mediunidade”, o primeiro parágrafo do item 44:

Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para **escrever em língua que lhes é estranha; a tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da instrução que receberam.** Não é raro se verem alguns que **escrevem correntemente sem nunca terem aprendido a escrever;** outros que **compõem poesias sem jamais na vida terem sabido fazer um verso;** outros que **desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento sem conhecerem desenho, pintura, escultura ou arte musical.** É frequente o fato de um **médium escrevente reproduzir com perfeição a grafia e a assinatura que os Espíritos,** que por ele se comunicam, tinham quando vivos, embora jamais os houvesse

conhecido. (61)

Portanto, ao longo das obras da Codificação Espírita encontramos informações que, de forma indubitável, sustentam a ocorrência do fenômeno da incorporação mediúnica. Apesar de alguns confrades não interpretarem dessa forma, preferimos nos alinhar às explicações de Allan Kardec.

## Obsessão por incorporação

Citaremos uma explicação constante da obra **Memórias da Loucura** (1875), de autoria da médium Antoinette Bourdin (1831-1904) <sup>(62)</sup>, cujo nome aparece diversas vezes na *Revue Spirite*, entre os anos de 1872 a 1880:

- Podes dizer-me como os Espíritos maus manifestam essa influência denominada **obsessão**?

- Geralmente pelo terror. Como já tive ocasião de dizer, **o Espírito se desprende** sob a impressão de um abalo e não pode, depois, reapossar-se facilmente dos seus órgãos. **Os invisíveis aproveitam esse estado de perturbação para senhorear o corpo, assim em parte abandonado.** Como, porém, **esse organismo não foi adaptado às faculdades intelectuais do novo locatário, segue-se que a loucura se manifesta** com sintomas perigosos, mil vezes mais alarmantes do que quando tem por móvel outra causa. Para combater esta espécie de loucura, convém recolher todas as palavras incoerentes do obsidiado,

palavras que, examinadas e ponderadas, levarão a conhecer a categoria do Espírito ou Espíritos obsessores.

"Preciso também se faz considerar a conduta e inclinações do enfermo: se ele tem hábitos intemperantes de embriaguez, de sensualismo, atrairá, naturalmente, Espíritos similares, que encontram tal ou qual satisfação, associando-se aos seus desregramentos.

Por aí se conclui que **nem todas as obsessões constituem resgate de velhas dívidas**, podendo o homem provocá-las por sua má conduta e depravação de costumes.

Essas não devem entrar em linha de conta, não podem afetar outra existência, porque enervada a sensibilidade, comprometida a saúde, superexcitadas as faculdades intelectuais, **toda essa revolução moral e física mergulha o Espírito tão profundamente em si mesmo, que ele perde a faculdade de obrar e raciocinar**, abdica de todo o dever e perde, por consequência, o império de si mesmo.

**Esta espécie de obsessão manifesta-se sempre por furores súbitos, como se o obsidiado empenhasse vivo combate com seres invisíveis** - luta que ele mescla de injúrias e blasfêmias, animado de extraordinária força a que nada resiste.

Compreende-se facilmente que os obsessores sejam, neste caso, **Espíritos da pior espécie**, pois que muitos se podem encontrar em torno do enfermo, **disputando-lhe a propriedade corporal**, injuriando-se mutuamente. E o corpo do obsidiado reproduz, então, todos os seus gestos e apóstrofes desordenados. Para esta espécie de loucura o tratamento a seguir é mais ou menos o mesmo que para as outras obsessões, no que concerne ao lado físico da enfermidade.

Quanto à parte moral, essa varia com a natureza dos obsessores. Mas, de qualquer forma, urge acalmar sempre as paixões, que provocam a obsessão. <sup>(63)</sup>

Após extensa pesquisa, passamos a admitir a incorporação. Contudo, percebemos que sua descrição surge em textos e relatos de maneira discreta, como nesse exemplo: “*o Espírito se desprende*”, isto é, a alma do encarnado se afasta do corpo, e “*os invisíveis aproveitam esse estado [...] para senhorear o corpo*”, tornando-se, ainda que temporariamente, seus “*novos locatários*”.

## O médium de incorporação da SEEP

Por incrível que pareça a alguns, na SEEP – Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, havia um médium de incorporação: o Sr. Morin. Esse fato pode ser confirmado no artigo ***Sr. Morin: médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris,*** disponível em nosso site <sup>(64)</sup>. Por oportuno, dele citaremos o seguinte trecho, no qual um Espírito explica o fenômeno:

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo **Espírito veio se manifestar** de novo, não pela escrita, mas **pela palavra, em se servindo do corpo do Sr. Morin,** em sonambulismo espontâneo. **Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. [...].**

Encolerizado por essas perguntas reiteradas, às quais não respondia senão por estas palavras: “Efeitos bizarros dos

sonhos,” ele acaba por dizer: “Vejo bem que me querieis despertar; deixai-me.” Desde então ele acredita sempre sonhar.

Numa outra reunião, **um Espírito deu sobre este fenômeno** a comunicação seguinte:

**Há aqui, uma substituição de pessoa,** uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. Ele **está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação,** e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

**Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo.** Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. **Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte da encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse**

**contato e restitui o movimento à máquina;** mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

**Essa ocupação jamais pode ser definitiva;** seria preciso, para isto, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela **não pode mesmo ser de longa duração,** pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; **o Espírito intruso** não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos, e é porque deixa **essa veste emprestada** desde que dela não tenha mais necessidade. <sup>(65)</sup>

Após Allan Kardec descrever o ocorrido com o Sr. Morin – semelhante ao que já havia afirmado sobre manifestações anteriores –, temos essa mensagem de um Espírito não identificado, que oferece explicação para o fenômeno de incorporação.

De forma simples e resumida, podemos dizer

que o Espírito do médium, em estado sonambúlico, afastou-se do seu corpo, permitindo ao comunicante apossar-se dele ou, numa linguagem mais direta, “entrar nele”, para utilizá-lo com a finalidade de transmitir sua mensagem ou estabelecer diálogo com os participantes da sessão.

## O que dizem alguns autores consagrados?

No tópico “9 – Da identificação das personalidades espíriticas” do capítulo “III – Criptestesia experimental” de *Tratado de Metapsíquica* (1922), o autor **Charles Richet** (1850–1935), médico e fisiologista francês, vencedor do Prêmio Nobel de Medicina em 1913, argumenta:

Estudando a escrita automática, fizemos alusão à hipótese admitida, **quase como um artigo de fé para todos os espíritas**, que existe a intervenção de uma personalidade humana desaparecida, **incorporação, isto é, um morto volta, e que sua inteligência anima o corpo do médium** (seja pela palavra ou pela escrita). [...]. <sup>(66)</sup>

O que Charles Richet diz acerca da crença dos espíritas na incorporação pode ser exagero, mas, ainda assim, resolvemos citá-lo, pois julgamos que retrata um momento histórico em que possibilidade

da incorporação se tornou algo comum entre os espíritas.

Em **O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)** (1886), Primeira Parte, capítulo “VII – O Espiritismo na Europa”, **Dr. Paul Gibier** (1851-1900), psicólogo e fisiologista francês, explica:

Existe também uma categoria de médiuns denominados **médiuns de incorporação**. Mas neste ponto precisamos mais que nunca apelar para a benevolência do leitor, lembrando-lhe que nos colocamos na posição de simples historiógrafo, expondo sem nada inventar. **Entramos, com efeito, em plena “possessão”, porque essas incorporações são o que a Idade Média designava por esse nome.** Toda a diferença consiste em que a possessão, em vez de ser feita por Belzebu e seus acólitos, o é pelos “Espíritos”, que têm a amabilidade de sair sem que seja necessário recorrer ao arsenal dos exorcismos e sortilégios.

Vimos alguns desses médiuns esperando a vinda do “Espírito”, como as pitonisas esperavam a do deus inspirador de seus oráculos. Após algum tempo, o médium sofre um movimento oscilatório como em torno de um eixo vertical; de repente, ele experimenta uma convulsão rude e ei-lo

transfigurado!

**Vimos homens que falavam como mulheres e mulheres que falavam como homens.** Assistimos a cenas desagradáveis e vimos outras ridículas; os que as representam seriam bem miseráveis se não fossem bem convictos. Serão eles dignos de lástima?... <sup>(67)</sup> (itálico grifo em negrito no original)

Usando das próprias palavras de Paul Gíbiez temos aqui um registro historiógrafo do emprego da expressão “médium de incorporação”.

**Gabriel Delanne**, em ***O Fenômeno Espírita*** (1893), ao tratar da incorporação, afirma:

A mediunidade, pela pena, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, há outro modo ainda mais expedito, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado.** Os ingleses e norte-americanos dizem que, nesse caso, o médium está em *transe*. <sup>(68)</sup> (itálico do original)

Gabriel Delanne, portanto, admite a

incorporação, especialmente ao descrever que “o *Espírito se apodera dos órgãos do médium*”.

Outro estudioso que se dedicou ao tema foi **Gustave Geley** (1868-1914), metapsiquista, fundador e primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris. Em ***Resumo da Doutrina Espírita*** (1897), ele escreve:

**A incorporação é o fenômeno, segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium**, e não apenas de um membro ou de um órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Este fenômeno, embora pouco frequente, parece ser dos mais impressionantes. <sup>(69)</sup>

Gustave Geley é categórico ao afirmar que a

incorporação é um fenômeno real, ainda que raro.

Continuando a nossa pesquisa, vejamos como Léon Denis (1846-1927), considerado o sucessor de Allan Kardec, aborda esse instigante assunto. Em **No Invisível** (1903), ele cita a opinião do pesquisador dos fenômenos psíquicos **Frederic Myers** (1843-1901), professor da Universidade de Cambridge e um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres:

**“Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que existe um espírito no homem, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago, para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros**

restam ainda a adquirir para o futuro.” (70)

A percepção de Frederic Myers é clara quanto à possibilidade de um Espírito desencarnado utilizar o corpo físico de um encarnado pela incorporação.

Vejamos, agora, o que o próprio **Léon Denis** fala a respeito disso no capítulo “XIX – Transe e incorporações” de **No Invisível** (1903):

**O estado de transe** é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal**, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um Espírito. Sob o influxo

magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do “eu”, se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

**No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. <sup>(71)</sup>**

O Espírito encarnado, dadas as circunstâncias apropriadas, pode se afastar do seu corpo, fenômeno esse conhecido como “emancipação de alma”. Esse fato é que possibilita ao desencarnado se apropriar temporariamente desse corpo para usá-lo em sua manifestação.

Continuando a análise da questão, Denis ainda coloca:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda,

muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

**Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos.** As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o

seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento. (72)

Léon Denis reconhece que os fatos demonstram a existência de duas possibilidades para explicar o fenômeno: 1ª) a incorporação real e completa do desencarnado no organismo do médium; e 2ª) a transmissão de pensamento à distância. Para ele, os casos envolvendo Espíritos perturbados pela morte constituem exemplos de incorporação completa. Em outras circunstâncias, porém, o fenômeno se explica melhor pela sugestão mental, em que o Espírito projeta seu pensamento no cérebro do médium, caracterizando aquilo que atualmente se convencionou chamar de comunicação “*mente a mente*”. Portanto, segundo se depreende do que afirma, a comunicação “*mente a mente*” é válida, mas não exclusiva.

E um pouco mais à frente, Léon Denis explica:

[...] É precisamente nos fenômenos de incorporação que mais positiva se revela a identidade dos Espíritos, **quando o transe é profundo e completa a posse daqueles**

**sobre o sensitivo. Por suas atitudes, seus gestos, suas alocações, o Espírito se mostra tal qual era aqui na Terra.** Os que o conheceram durante sua existência humana o reconhecem em locuções familiares, em mil detalhes psicológicos que escapam à análise. (73)

De forma clara, vemos que quando “*é completa a posse daqueles sobre o sensitivo*”, tem-se efetivamente, um processo de incorporação, bem diferente de uma simples transmissão “*mente a mente*”.

Em relação à sua experiência pessoal, Denis afirma que “*Pela inflexão da voz, pela linguagem e atitude, a personalidade invisível se revelava, antes de ter dado nome*” (74)

Interessante também é sua análise acerca do papel do cérebro:

No transe, a entidade psíquica, a alma, se revela por distinta atividade do funcionamento orgânico, por particular acuidade das faculdades. Quando é completa a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido

com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo modo que um Espírito estranho. **O cérebro não é então, como no estado normal, um instrumento movido diretamente pela alma, mas um receptor que ela aciona de fora.** <sup>(75)</sup>

Esse mecanismo talvez explique a capacidade de muitos médiuns de reproduzirem fielmente tanto a voz quanto a caligrafia do desencarnado, além da inconsciência que frequentemente acompanha essas manifestações. Tais elementos parecem reforçar a hipótese da incorporação completa em determinados casos.

Em ***Espíritos e Médiuns*** (1921), Léon Denis, afirma:

**Os fenômenos de incorporação** permitiam aos mortos **possuírem o organismo de um médium adormecido, e conversar com quem haviam conhecido** na Terra. <sup>(76)</sup>

Inclusive, pode, **nos casos de incorporação**, proporcionar-lhes os meios de se manifestarem aos humanos, com tanta precisão e intensidade como se o tivessem feito durante sua permanência na Terra, com seu próprio organismo.

**O fenômeno da incorporação** permite aos espíritos dar-nos provas de identidade mais abundantes e mais convincentes que qualquer outro dos procedimentos de comunicação. Os que conheceram o morto não podem confundir-se: a voz, os trejeitos, as ideias emitidas constituem outros tantos elementos de certeza no que concerne à personalidade do manifestante, especialmente quando se sabe que o médium não pôde conhecê-lo, nem recorrer a nenhum informe sobre sua maneira de ser e seus costumes. (77)

Aqui também temos comprovação de que Léon Denis aceitava a incorporação.

Em **Síntese Doutrinária - Prática do Espiritismo** (1921), Léon Denis, esclarece:

[...] as comunicações superiores exigem ordinariamente o estado de sonambulismo ou de hipnose em todos os seus graus, isto é, desde a exteriorização parcial ao desprendimento completo. **Esse estado facilita o transe e torna possível o fenômeno tão notável da incorporação, pela qual o Espírito entra momentaneamente na personalidade do médium, psiquicamente ausente, como um estranho numa casa desabitada.** (78)

Ainda que com palavras diferentes, Léon Denis continua firme na crença de que na incorporação o desencarnado entra no corpo do médium, cuja alma momentaneamente o abandona.

Na obra **Léon Denis e a Experiência Espírita** (1928), o jornalista francês Henri Regnault (1886-1955) informa algumas particularidades do grupo espírita de Tours:

Léon Denis presidia o Grupo da Rua do Rempart [Tours] e julgava suficiente fazer uma reunião quinzenal, à noite.

Só eram admitidos os membros do grupo. Eram, cada vez, quinze ou vinte. **Cinco médiuns participavam e todos tinham mediunidade de incorporação; dois dentre eles tinham também a vidência,** a audiência e eram médiuns escreventes. <sup>(79)</sup>

A existência de cinco médiuns com faculdade de incorporação nesse grupo evidencia que Léon Denis tinha contato direto com essa modalidade de mediunidade, reforçando a ideia de que suas considerações a respeito se apoiavam também na experiência prática.

Nosso próximo personagem é **Cairbar Schutel** (1868-1938), que, em **Médiuns e Mediunidades** (1923), objetivamente, declara:

Na mediunidade falante verificam-se também **casos de incorporação: o Espírito do médium se afasta um tanto do seu organismo para dar lugar a outro Espírito, que se utiliza do corpo.** Neste caso, há sempre inconsciência do médium, porque ele cai em estado de transe. <sup>(80)</sup>

Com isso, Cairbar Schutel confirma de forma inequívoca a possibilidade da incorporação na mediunidade falante.

De **Ernesto Bozzano** (1862-1943), destacado pesquisador italiano, apresentamos trecho de seus comentários constantes nestas duas obras:

1ª) **Xenoglossia** (1933), cujo título em italiano é *Medianità poliglota ou xenoglossia* <sup>(81)</sup>, do qual destacamos os seguintes trechos:

a) Introdução:

Do ponto de vista da classificação dos

casos, observo que **os fenômenos de xenoglossia** se produzem nas seguintes modalidades várias de características extrínsecas: **com o automatismo falante (possessão mediúnica)**; com a mediunidade audiente (clariaudiência), caso em que o médium repete foneticamente as palavras que subjetivamente percebe; com o automatismo escrevente (psicografia e tiptologia); com a voz direta; com a escrita direta. [...]. <sup>(82)</sup>

b) Caso 1 – Caso da filha do juiz Edmonds:

A ninguém escapará o alto significado que se encontra implícito no fato de a médium não compreender, quando em vigília, a significação das palavras que seus lábios automaticamente proferiam, fato que demonstra positivamente achar-se ela, nessas ocasiões, **em fase parcial de possessão mediúnica, durante a qual uma entidade espiritual extrínseca se servia de sua faringe para exprimir-se**. Esta a única solução racional do enigma, visto que a hipótese das “personificações subconscientes”, combinada com a da criptomnésia, não resiste de frente à circunstância de o médium não compreender a língua em que conversava.

[...].

No caso de Laura Edmonds sucedia o fenômeno oposto: ela era apta a falar

automaticamente em dez línguas diversas, que totalmente ignorava, sem compreender, ao demais, o significado do que ela mesma dizia. Daí ressalta claramente a diferença que há entre os estados sonambúlicos e as condições de possessão mediúnica. Quer dizer também que, no primeiro caso, a faculdade supranormal da “leitura do pensamento” tornava apto o sonâmbulo a compreender perguntas formuladas em línguas que desconhecia, mas que não existia na sua subconsciência nenhuma faculdade capaz de fazê-lo conhecer o que nunca aprendera, decorrendo daí que não podiam exprimir-se em línguas que ignoravam. Contrariamente, no caso de Laura Edmonds, o aparente milagre se produzia por ser ela médium em condições de possessão mediúnica, **o que significa que na realidade quem falava por seu intermédio não era a sua personalidade e sim uma entidade espiritual que se apossava momentaneamente de sua laringe.** <sup>(83)</sup>

3) Caso 3. No interessante relato do Doutor, van Eeden acerca das experiências a que procedeu com a célebre médium Sra. Thompson (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. XVII, pág. 75-115),<sup>14</sup> que foi quem conduziu Myers às suas convicções espíritas, um episódio se contém de xenoglossia, consistente apenas em poucas palavras

proferidas em língua holandesa pela entidade que se comunicava, palavras essas, porém, que se combinam com o fato de a aludida entidade haver sempre compreendido as perguntas que o Doutor van Eeden lhe dirigia naquela língua. **De todo modo, o episódio parece altamente sugestivo de outro ponto de vista, o de algumas circunstâncias concomitantes, que tenderiam a provar a genuinidade do estado de possessão mediúnica** e, por conseguinte, a presença real do defunto que se manifestava. <sup>(84)</sup>

As expressões “possessão mediúnica” e “incorporação mediúnica” designam o mesmo fenômeno espiritual: o desencarnado assume temporariamente o corpo do médium para agir ou transmitir sua mensagem.

Em nossa interpretação, todos os fenômenos de xenoglossia, s.m.j., têm como base fundamental a incorporação – no sentido bem literal do termo – única explicação plausível para que o médium fale ou escreva em língua que desconhece.

2ª) Na monografia intitulada “Impressionantes Fenômenos de ‘Transfiguração’” (1934), inserida na

obra **A Morte e os Seus Mistérios**, transcrevemos:

CASO II – Tiro o seguinte episódio do livro de **H. Denis Bradley** *The wisdom of the gods* (A sabedoria dos deuses). Ele teve ocasião de observar duas vezes, com o médium Sra. Scales, o fenômeno de “transfiguração” por contração e adaptação dos músculos do rosto, fenômeno que, nos limites indicados, **se mostra sobretudo frequente nos médiuns de “possessão ou incorporação”**.

Escreve ele:

“Ela (Cloé, o espírito-guia, uma jovem índia) disse que ‘Annie’ hesitava em manifestar-se de uma forma em que não se manifestara antes. **Não ousava ocupar o corpo do médium** e não sabia se seria capaz de controlar e utilizar-se do seu organismo. Eventualmente, foi levada a tentar a experiência. O médium caiu sentado na cadeira e nós esperamos dois minutos. A Sra. Scales é uma mulher baixa e gorda. O tom de sua pronúncia, para ser delicado, é o vulgar. Seu rosto é o que se pode dizer agradável e comum. Gradualmente, **a expressão do rosto do médium se foi mudando completamente. Era uma “transfiguração”**. Ao passo que o semblante permanecia, os olhos e a expressão se tornavam belos. Não era uma alucinação. Minhas faculdades de

observação são tão argutas ou mesmo mais argutas do que nunca, e eu devo lembrar que essa maravilhosa mudança foi vista não só por mim, mas pela Sra. Sargeant e em plena luz.

A princípio foi com grande dificuldade que as primeiras poucas palavras foram articuladas, mas gradativamente a força aumentou consideravelmente e **o espírito de minha irmã tornou-se capaz de assumir completo controle dos órgãos do médium.** Era minha irmã. **Era seu espírito usando o organismo de outro corpo físico e falando a mim em sua própria voz.** [...] **A voz de 'Annie' possuía sua antiga beleza, sua tonalidade era perfeitamente enunciada da forma que lhe era peculiar quando neste planeta.** Nenhuma atriz viva poderia simular essa maravilhosa personalidade. Ela conversou comigo acerca de fatos íntimos de sua vida terrena... **Durante a nossa maravilhosa palestra, enquanto usava o organismo de outra pessoa, deu-me a mais íntima e excepcional prova da sobrevivência.** Nome após nome, fato após fato, foram mencionados: minha esposa, Pat, Dennis, tudo. [...] Na manhã seguinte, telefonei à Sra. Sargeant a fim de fazer-lhe uma pergunta que esquecera. Pedi-lhe para descrever a voz que ela passara a ouvir desde que minha irmã se incorporara no médium. Isto fiz para afastar qualquer possível dúvida quanto ao tom ter sido

produzido pela minha imaginação. A Sra. Sargeant disse, descrevendo a voz da minha irmã, que o seu falar era lento e a enunciação das palavras excepcionalmente suave e clara. **Essa era a voz característica de 'Annie' quando na Terra.**" (obra citada, págs. 120-123).

No episódio exposto, a "transfiguração" do rosto se mostra menos desenvolvida que no caso precedente, limitando-se a uma transformação da expressão animada de um semblante, mas em compensação **há a transformação da tonalidade vocal, com perfeita reprodução da voz de uma defunta**, transformação que **representa um notabilíssimo fenômeno em demonstração da realidade da incorporação mediúnica ocorrida**. E, como uma laringe não pode mudar de tom sem ter experimentado uma correspondente contração muscular de adaptação, dever-se-á reconhecer que, no caso em apreço, a "transfiguração" se verificou de modo especial sobre a laringe do médium. Observo a tal respeito que, na hipótese de um real fenômeno de possessão mediúnica, dever-se-ia presumir que tais processos de transformação temporária dos órgãos dos médiuns nos órgãos homólogos do defunto comunicante são obra de um despertar automático daquela misteriosa "força organizadora" que plasma os seres vivos, "força organizadora" que, sendo uma

faculdade do espírito, sobreviveria à morte do corpo e, em consequência, operaria nos casos análogos aos ex-postos, determinando os fenômenos de transfiguração dos órgãos e dos membros dos médiuns, sem que necessário fosse pressupor uma ação direta, intencional, dos defuntos comunicantes. Ao mesmo tempo, **os automatismos de tal natureza, reprodutores da voz ou do rosto de um defunto, implicariam e demonstrariam a realidade do fenômeno da possessão ou incorporação temporária, no médium, do espírito que se diz presente.** <sup>(85)</sup>

A posição de Ernesto Bozzano é claramente favorável à incorporação, o que consideramos muito relevante, pois ele seguiu de forma rigorosa o método de investigação utilizado por Allan Kardec.

Entendemos que a *“transformação da tonalidade vocal, com perfeita reprodução da voz”*, ocorre apenas pela ação do Espírito sobre o aparelho fonador do médium <sup>(86)</sup>. Não se trata de uma mera imitação,



como tantas pessoas portadoras desse dom conseguem realizar.

**Antônio J. Freire** (1877-1958), médico vinculado ao movimento espírita português, é autor do livro ***Da Alma Humana*** (1950). Do capítulo “VI – Experiências de Hector Durville e De L. Lefranc”, transcrevemos os seguintes trechos:

É ainda pelo desdobramento e bilocação do *duplo* que se explica, natural e logicamente, **o fenômeno vulgaríssimo das incorporações ou encarnações (dissociação de personalidade, prosopopese) nas sessões espíritas**, em que **a alma do médium exteriorizada, parcial ou integralmente, é substituída pela alma dum desencarnado ou, mesmo, pelo duplo dum encarnado**, como temos registrados algumas vezes. O *modus operandi* é análogo, tanto para os desencarnados, impropriamente chamados mortos, vivendo no plano astral, como para os encarnados, vivendo no plano físico planetário, quando em plena exteriorização anímica. <sup>(87)</sup> (itálico do original)

**Nas incorporações, o Espírito agente, encarnado ou desencarnado, apossa-se do corpo físico dum médium (passivo)**

**que fica sendo o instrumento dócil e plástico ao sabor do capricho da alma incorporada.** E como um novo maquinista que tomasse conta do volante e direção daquela máquina, representada pelo corpo físico inerente do médium a que imprime gestos e atitudes que **podem levar à transfiguração fisionômica**, por vezes, completa, de semelhanças fulgurante com o corpo físico correspondente ao que foi ou é na Terra espírito incorporado, com todos os caracteres somáticos, morais e intelectuais, estabelecendo uma identidade incontestada e flagrante de expressão e de realidade.

Este **fenômeno comum à grande maioria das sessões espíritas** é baseado num fenômeno de animismo, proveniente da exteriorização do duplo do *médium* total ou parcial, tendo por complemento um fenômeno espírita **quando a incorporação é determinada pela ação direta dum Espírito desencarnado**, ficando na categoria dos fenômenos anímicos se, porventura, o espírito incorporado fosse o dum encarnado.

**Os fenômenos de incorporação são, pois, sempre resultantes da dissociação e exteriorização do duplo do *médium*, desintegrado a sua essência anímica do seu corpo físico para que nele se integra uma alma estranha, venha donde vier, que fica animando e dirigindo todo o seu**

**invólucro físico.** Por este mecanismo se explicam os casos de *obsessão, fascinação e subjugação (dissociação de personalidade, estado segundo)*, que constituem grande parte da população dos manicômios, renitentes aos tratamentos clássicos da psiquiatria, mas facilmente curáveis pelo Espiritismo, pelo menos, em certos casos, *sempre que se obtenha a iluminação do Espírito obsessor (doutrinação)*. <sup>(88)</sup> (itálico do original)

Com essas objetivas explicações de Antônio J. Freire, acreditamos ser fácil compreender o que ocorre no processo de incorporação e, por consequência, nos casos de obsessão em que também ocorre a possessão, já que ambos têm a mesma base: a emancipação da alma.

Outro estudioso que merece destaque é **Hernani Guimarães Andrade** que, em ***Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio Sobre o Modelo Organizador Biológico*** (1984), ao estudar a questão das incorporações mediúnicas, obsessões e possessões, afirma:

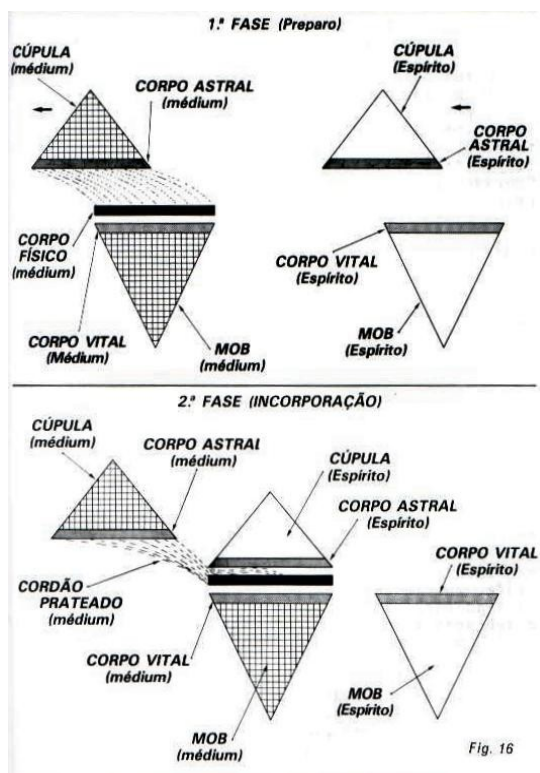
Principiaremos com o mais comum e

corriqueiro: a “incorporação mediúnica”. Na incorporação mediúnica, podemos distinguir várias graduações, se tomarmos por base os diferentes níveis de conservação de consciência e controle, por parte do médium, durante a comunicação dada pelo Espírito manifestante.

**A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação:** psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc.

**O mecanismo da “incorporação mediúnica” é fácil de compreender.** Ela pode principiar pela aproximação da entidade que deseja comunicar-se. Esta poderá eventualmente influenciar o “médium”, facilitando-lhe o “transe”. **O médium passa então a sofrer um desdobramento astral (OBE) e sua cúpula juntamente com o corpo astral deslocam-se parcial ou totalmente de maneira a permitir que a cúpula e o corpo astral do Espírito comunicante ocupe parcial ou totalmente o campo livre deixado pelo “corpo astral” do**

**médium.** A incorporação é tanto mais perfeita quanto maior o espaço é cedido pelo astral do médium ao afastar-se do seu corpo físico, deixando lugar para a cúpula com o corpo astral do comunicador. Este - o Espírito comunicante - deverá sofrer um processo semelhante ao desdobramento astral, para permitir que sua cúpula e corpo astral possam justapor-se ao espaço livre deixado pelo médium (ver fig. 16).



Na figura 16 mostramos esquematicamente o mecanismo de uma incorporação mediúnica completa. Há casos em que a parte astral do médium se desloca só parcialmente, permitindo que apenas uma fração do astral do Espírito comunicador entre em contacto com a zona anímico-perispirítica daquele. Mesmo nestas condições pode haver comunicação, a qual poderá ser em parte direta e em parte telepática. Em semelhante circunstância há sempre possibilidade de controle das comunicações, por parte do médium. Este poderá interferir no processo, ainda mesmo que totalmente afastado, pois a ligação com a sua zona anímico-perispirítica não cessa. Há sempre a presença do “cordão prateado” garantindo o domínio do próprio equipamento somático. <sup>(89)</sup>

O MOB – Modelo Organizador Biológico, que Hernani Guimarães apresenta na sua explicação de como acontece o fenômeno de incorporação, nos permite ter uma ideia do que, de fato ocorre nesses casos.

### **Na coleção “A vida no mundo espiritual”**

ditada por André Luiz e psicografada por Chico Xavier (1910-2002), encontramos referências diretas ao fenômeno da incorporação em duas obras.

Em **Missionários da Luz** (1945), na qual tece comentários sobre o fenômeno – capítulo “16 – Incorporação”, transcreveremos alguns trechos, que julgamos importantes, para o entendimento do tema.

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

- Estimariamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúnica de nossa irmã** Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...

[...].

- Ouça, porém, meu amigo! – tornou Alexandre, sereno e enérgico – é indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular que lhe não pertence.** Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos,** mas naturalmente

subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, que urgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. <sup>(90)</sup>

A segunda obra, desse autor espiritual, que aborda o tema é a ***Nos Domínios da Mediunidade*** (1955), da qual transcrevemos:

**Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras,** reclama-nos cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes,** quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. (falando do médium Antônio Carlos).

[...].

“... Entretanto, **adaptando-se ao organismo da mulher** amada que passou a obsidiar, **nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados.** Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto”.

[...].

“Notamos que **Eugênia-alma afastou-se do corpo**, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante** sentava-se rente, **inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela”.**

[...].

Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de **Eugênia, desligada do veículo físico**, ao cérebro da entidade comunicante.

[...].

[...] mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se

fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado **a quem empresta o seu carro físico**, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.

[...].

“[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...**”

[...].

Se preciso, **a nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo**. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que **o comunicante é a ação**, mas no qual a médium personifica a vontade... <sup>(91)</sup>

É interessante que alguma coisa dessas transcrições se assemelham à fala do Espírito Sr. Charles que explicou como possuía o corpo físico da Senhora A..., no relato “Um caso de possessão – Senhorita Julie”, registrado na *Revista Espírita* 1863.

Segundo nos parece de tudo aqui colocado, em se referindo à médium Eugênia, é apenas uma

confirmação do que já foi dito antes, o que nos induz a aceitar, sem maiores reservas, a incorporação como uma realidade no fenômeno mediúnico.

Mais à frente, nessa mesma obra, vamos encontrar relatos ocorridos com uma outra médium, Dona Celina, dos quais reproduzimos:

**A médium desvencilhou-se do corpo físico**, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu a aura brilhante de que corava.

[...].

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, **auxiliando-o a senhorear o veículo físico**, então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente.**

[...].

A mediunidade falante em Celina era diversa?

[...].

- Celina - explicou, bondoso - é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de**

**ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa.** A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que **não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contacto com os centros motores da vida cerebral.** Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade... É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. <sup>(92)</sup>

Vê-se, portanto, a real incorporação dessa médium, comprovando-se então a hipótese que estamos estudando.

Logo na sequência, fala-se da possessão, que é objeto de estudo num capítulo específico do livro citado. Vejamos:

[...] **A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão**, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.

[...].

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que **o ataque epiléptico**, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível.

[...].

**Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.**

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus, informou, compadecido:

**- É a possessão completa ou a epilepsia essencial.**

- Nosso amigo está inconsciente? - aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

**- Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal.** Todas as suas células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos

deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. **Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista.** Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, **em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,** de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências. <sup>(93)</sup>

Esses relatos reforçam, de forma inequívoca, que a incorporação é uma realidade observável, confirmada tanto na Codificação quanto pelas obras complementares, ainda que possa variar entre manifestações equilibradas e processos nocivos de possessão.

Um ponto que complica a questão aparece no mesmo livro, conforme se vê nestas duas frases: “... *precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos*” e “*Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem...*” <sup>(94)</sup> Essa

afirmação parece contradizer, salvo melhor juízo, os relatos de incorporação e obsessão descritos na obra, uma vez que nesses casos fica caracterizada a posse do corpo do médium ou do obsediado, respectivamente.

Talvez haja um certo exagero em afirmar de forma absoluta que a mente está na base de todas as manifestações mediúnicas. Ou, quem sabe, o que se quis dizer é que essa base seria a mente do desencarnado que produz o fenômeno, e não necessariamente uma ligação “*mente a mente*” entre os envolvidos.

Presumimos que a ideia do autor espiritual esteja retificada em outra passagem, onde já não coloca as coisas de forma tão abrangente: “*Vimos aqui o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a **quase** todos os fatos mediúnicos*”.<sup>(95)</sup> Esse “quase” é decisivo, pois abre espaço para admitir a incorporação sem contrariar o restante da obra.

Em 1983, a **União Espírita Mineira - UEM** publicou o livreto **Mediunidade** da série *Evangelho*

e *Espiritismo*, do qual transcrevemos:

08 - Qual a condição do médium na psicofonia consciente, na semiconsciente e na inconsciente?

R. - Na psicofonia consciente o Espírito comunicante transmite, telepaticamente, às vezes, à distância, as suas ideias ao médium que as retrata com as suas próprias palavras. Na semiconsciente, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, atuando sobre o campo da fala e outros centros motores. **Na inconsciente, afasta-se o Espírito do médium do seu próprio corpo, que mais livremente é utilizado pelo comunicante.** Quando há inteira confiança entre ambos, é como se o médium entregasse um instrumento valioso nas mãos de um artista emérito que o valoriza. Se o comunicante é rebelde ou perverso, o médium, embora afastado, age na condição de um enfermeiro vigilante a controlar o doente. <sup>(96)</sup>

Embora não saibamos qual seja a posição oficial da UEM, a resposta sugere claramente o afastamento do Espírito do médium do seu próprio corpo, que passa a ser utilizado pelo comunicante.

Salvo melhor juízo, trata-se de uma descrição compatível com o fenômeno da incorporação física.

Em 25 de junho de 1995, foi realização do 2º Encontro Espírita sobre a mediunidade, com o tema “A mediunidade de incorporação”, patrocinado pelo Centro Espírita Léon Denis, sediado na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Na apostila “A mediunidade de incorporação” estão desenvolvidos os argumentos favoráveis à tese (<sup>97</sup>).

Para ampliar a análise, buscamos também a opinião dos membros do GAE – Grupo de Apologética Espírita (<sup>98</sup>). Das oito respostas recebidas, seis (75%) foram favoráveis à possibilidade de incorporação.

Observamos que, muitas vezes, a experiência pessoal norteia nossa opinião; por isso transcrevemos aqui a que nos deu **Maurício C. Pimenta**, um dos membros:

Oi, Paulo

Minha opinião é de um leigo que não fez nenhum estudo especializado sobre o tema. Meu pressuposto seria o de que o cérebro comanda tudo, ou melhor, o espírito (através do perispírito) comanda tudo a

partir do cérebro, que é seu instrumento. Quando penso em mim mesmo, a impressão que tenho é que a sede de minha consciência estaria alojada temporariamente no meu cérebro, muito provavelmente ligado à parte interna da nuca (quem sabe na glândula pineal...). É o que eu sinto no estado normal. Já no estado de desdobramento, percebo que essa sede de consciência se desloca para fora do meu corpo e aumentando consideravelmente o nível de percepção, a ponto de pensar estar numa espécie de universo paralelo independente do atual. Tomando essas percepções como base, minha suposição é a de que numa incorporação ocorra uma tomada dessa região do cérebro, ainda que temporariamente. Para isso, o incorporar seria necessariamente um alojar de outra consciência nessa parte do cérebro, de onde seja possível controlar o corpo físico. Isto seria diferente de apenas ficar “ao lado de”, enviando sugestões e permitindo que o próprio espírito que ali comanda cumpra essas sugestões, a nível consciente ou inconsciente (pensando que elas venham dele mesmo), o que chamaríamos de mediunidade intuitiva.

Em resumo, numa incorporação o espírito se alojaria temporariamente nessa parte do cérebro e daí assumiria o controle do corpo.

Abraços,

Até que nos surja uma mais consistente, concordamos com as colocações do colega, que traduzem de forma simples e lógica a hipótese da incorporação.

Não poderíamos deixar de citar uma informação que confirma o que dissemos no início desse ebook sobre a relação do termo *incorporação* com a Umbanda. Transcrevemos da obra ***Fundamentação da Ciência Espírita*** (2003), de autoria do **prof. Carlos Friedrich Loeffler** (?- ):

**Nos últimos anos, houve algum esforço de certos núcleos diretores do movimento espírita, no sentido de fazer uma “limpeza” no vocabulário largamente usado pelos profidentes da doutrina espírita. Resolveu-se banir o termo “incorporação” por achá-lo incorreto e repleto de influências umbandistas. Promoveu-se sua substituição pelo termo psicofonia.**

É interessante o exame desta questão. Antes de qualquer coisa, **o termo incorporação não foi criado por umbandistas**, pois estes não têm nenhuma

preocupação doutrinária, embora nos últimos anos tenha surgido alguma literatura unificadora. **O termo foi cunhado por espíritas.** É encontrado naturalmente nas obras de Léon Denis, Gabriel Delanne e muitos outros vultos proeminentes. Obras mediúnicas, como as do espírito Manoel Philomeno de Miranda, na psicografia de Divaldo P. Franco, usam o termo. [...] <sup>(99)</sup>

Isso confirma nossa suspeita: o termo deixou de ser usado não por razões doutrinárias, mas por puro preconceito, o que consideramos lamentável.

A divergência de opiniões, entre os vários autores espíritas é evidente: muitos rejeitam a incorporação, enquanto alguns a defendem. Essa mesma diversidade também se observa entre os próprios Espíritos comunicantes, é preciso ressaltar.

Deixamos propositalmente para o final deste capítulo a opinião do jornalista **José Herculano Pires** (1914-1979), pois nos pareceu muito singular. Analisando sua obra em que trata da vida do médium José Pedro de Freitas (1921-1971), mais conhecido como Zé Arigó, percebemos a existência de um conflito com o que afirmou em outra obra, a

qual merece destaque.

Do capítulo “II – A mediunidade de Arigó”, de **Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio** (1963) transcrevemos o seguinte trecho:

Essas variações de graus da manifestação mediúnica aturdem os que não estão familiarizados com o problema. Alguns levantam suspeitas: “Estive com Arigó mas ele receitou por ele mesmo, não estava incorporado”. Isso nunca se verifica. Arigó é incapaz de receitar por ele mesmo. Tem o mais profundo respeito pelo seu guia espiritual. Só receita quando influenciado por ele, obedecendo às suas ordens. **No caso de operações a incorporação é evidente**, como acentuou o Dr. Laidlaw, de New York, num documento que publicamos adiante. Sua técnica operatória, que não segue as normas cirúrgicas habituais, é realizada com estranha segurança e admirável perícia. A anestesia do paciente é completa, sem que nada no ambiente demonstre a existência de fatores ou condições anestésicas. A assepsia também se realiza de maneira invisível, mas com precisão rigorosa. O fato espírita se impõe maciçamente, com evidência esmagadora. Fritz, eufórico, descobre os médicos que anonimamente entraram no recinto e faz questão de que venham assistir de perto o

seu trabalho. Convida-os a participar das operações. Discute com eles os problemas do momento. Muitas vezes, antes de operar, força-os a diagnosticar e concorda ou discorda dos diagnósticos.

**O caso mediúnico de Arigó se define como de incorporação mediúnica.** Mas a **incorporação é apenas o pivô** de uma constelação de efeitos que se desencadeiam: a ação anestésica e a ação asséptica se realizam através da expansão de energias psicossomáticas do médium, sob a influência de entidades espirituais (os agentes-espirituais de que falava Geley); os efeitos-físicos (retenção do fluxo sanguíneo, desligamento de aderências internas, como no caso do lipoma do Dr. Puharich) e o aporte ou a materialização de objetos e líquidos (como o caso do algodão seco que o médium ergue no ar e volta embebido de líquidos estranhos, de efeito curador, caso ocorrido com Chico Xavier, o famoso médium de Uberaba, a quem Arigó atenuou as dores oculares por esse processo). Além desses efeitos materiais, verificam-se ainda os efeitos intelectuais da xenoglossia ou mediunidade poliglota, de percepção à distância com telediagnose. Também as curas à distância têm se verificado, o que mostra a possibilidade da telecinesia, fenômeno de ação à distância estudado amplamente pela Metapsíquica mas ainda em fase de investigação rudimentar pela

Parapsicologia. As operações simpatéticas, sem ação física do médium, sem cortes cirúrgicos, tornam-se possíveis diante disso.

[...].

No que dissemos acima sobre a mediunidade de incorporação, como pivô do complexo mediúnico de Arigó, devemos acrescentar uma observação, referente aos casos de materialização. **Há um momento em que a incorporação deixa de funcionar como pivô. Um momento raro, só de quando em quando verificado, em circunstâncias especiais, mas que não pode ser posto de lado na apreciação da mediunidade de Arigó.** É o momento em que o Dr. Fritz se materializa. Não se trata de materializações parciais ou de transportes de líquidos. Trata-se do fato dramático, tantas vezes demonstrado nas grandes experiências da Metapsíquica mas teimosamente rejeitado pelos negativistas: o fato da materialização total de um indivíduo humano, como se verificou com a própria mãe de Cesare Lombroso, na sua presença, através da mediunidade maravilhosa, exaltada e difamada de Eusápia Paladino. Fritz tem se materializado em algumas oportunidades, atestadas pelos íntimos de Arigó, pelas pessoas que partilham mais de perto dos seus exaustivos trabalhos.

Nesses momentos Arigó cai em transe mediúnico, **perde a consciência do que**

**se passa em seu redor. Aliás, a perda de consciência se verifica também nas incorporações para operações.** Esse fenômeno, comum aos dois estados de transe: o de incorporação e o de materialização, mostra que esses dois estados são autônomos. **Quando se dá a materialização, Fritz não está nem poderia estar incorporado.** Ele age sobre o médium, auxiliado pela sua equipe de trabalho espiritual, provocando a emanção do ectoplasma e o desdobramento do médium. A seguir, servindo-se da afinidade psíquica com o duplo mediúnico, estabelece as ligações vibratórias necessárias e reveste-se da matéria ectoplásmica. Torna-se então visível e palpável. Objetiva-se. <sup>(100)</sup>

Portanto, temos Herculano Pires, sem maiores dificuldades, aceitando a incorporação para o caso da mediunidade de Zé Arigó.

Entretanto, na obra **Mediunidade (Vida e Comunicação)** publicada em 1978 – quinze anos depois da anterior –, demonstra não aceitá-la. Do capítulo “V – O ato mediúnico”, transcrevemos o primeiro parágrafo:

O ato mediúnico é o momento em que o

espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. **O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais.** Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. **Realiza-se a fusão fluídica.** Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. **As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do espírito.** Compreende-se então o sentido profundo da palavra intermúndio. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. **Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica,** como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida

terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução. <sup>(101)</sup>

A tese levantada por Herculano Pires, na qual nega a incorporação, revela-se curiosa. Entretanto, por não citar nenhuma fonte, entendemos tratar-se apenas uma opinião pessoal, que conflita com a sua percepção na obra anterior. Consideramos esse ponto um conflito, pois é mais comum que alguém inicialmente não aceite a incorporação e, depois, passe a aceitá-la, do que o contrário.

## Conclusão

Ao analisarmos o percurso histórico do Espiritismo no Brasil, percebemos que, nos primeiros tempos, o vocábulo *incorporação* era comumente utilizado para designar o fenômeno da psicofonia. Como esse termo também era empregado pelos umbandistas para se referirem aos seus médiuns, isso gerou certo incômodo entre os chamados “kardecistas” – tão forte que os levou à tentativa de expurgá-lo, numa busca por preservar aquilo que consideravam o “puro” Espiritismo, evitando qualquer associação com a Umbanda.

É importante destacar que não fazemos nenhuma distinção depreciativa entre os que seguem essa ou aquela vertente espiritualista. Registramos isso para evitar acusações infundadas de preconceito. O fato de diferentes tradições espirituais utilizarem termos semelhantes não significa que sejam idênticas em essência. Cada segmento espiritualista age conforme seus princípios

e compreensões, e todos merecem respeito.

Para ampliar a reflexão, lembramos também o livro *Possessão Espiritual*, de Edith Fiore, doutora em Psicologia pela Universidade de Miami. Nele, a autora narra experiências realizadas com seus pacientes submetendo-os a hipnose e defende a hipótese da possessão – no sentido literal –, informando que 70% dos mais de quinhentos pacientes estudados em sua pesquisa apresentavam esse quadro <sup>(102)</sup>.

Em experiência pessoal, acompanhamos uma jovem que relatava se sentir compelida por uma força alheia à sua vontade, levando-a a tentativas de suicídio.

Na última, acabou por pular de uma laje de uma casa. Fomos visitá-la no hospital. Ela nos contou que não era a primeira vez: anteriormente, por duas vezes, havia tentado tirar a própria vida cortando os próprios pulsos.

Esse caso nos parece ilustrar mais adequadamente a hipótese da possessão física do que a explicação do “*mente a mente*” – contrária à incorporação. A jovem, embora pressionada pelo

Espírito, permanecia em plena consciência de si, mas incapaz de controlar o próprio corpo. A explicação mais plausível é que seu Espírito tenha se afastado momentaneamente do corpo, mantendo na dimensão espiritual sua lucidez, o que lhe permitiu, de algum modo, trazer à memória física o ocorrido.

Concluimos, portanto, que embora existam casos em que a comunicação “*mente a mente*” se aplica de forma adequada, há também situações em que a incorporação física se apresenta como realidade concreta, confirmada por relatos, estudos e experiências práticas.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, H. G. ***Espírito, Perispírito e Alma : Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico***. São Paulo: Pensamento, 2002.
- BOURDIN, A. ***Memórias da Loucura***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- BOZZANO, E. ***A Morte e os Seus Mistérios***. Rio de Janeiro: Editora Eco, s/d.
- BOZZANO, E. ***Xenoglossia***. (Versão digital). Portal Luz Espírita, 2017.
- CENTRO ESPÍRITA LUZ ETERNA. ***COEM - Centro de Orientação e Educação Mediúnica (apostila)***. Curitiba (PF), 2017.
- CERVIÑO, J. ***Além do Inconsciente***. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- DELANNE, G. ***As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos, Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos***. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2023.
- DELANNE, G. ***O Fenômeno Espírita***. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DENIS, L. ***Espíritos e Médiuns***. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- DENIS, L. ***No Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

- DENIS, L. ***Síntese Doutrinária e Prática do Espiritismo***. Juiz de Fora (MG): Instituto Maria, s/d.
- IORE, E. ***Possessão Espiritual***. São Paulo: Pensamento, 1990.
- IBIER, P. ***O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)***. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- GELEY, G. ***Resumo da Doutrina Espírita***. São Paulo: Lake, 2009.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos - Primeira Edição de 1857***. São Paulo: IPECE, 2004.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras, SP: IDE,

- 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras, SP: IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Viagem Espírita em 1862**. Matão (SP): O Clarim, 2000.
- LOEFFLER, C. F. **Fundamentação da Ciência Espírita**. Niterói, RJ: Lachâtre, 2003.
- LOMBROSO, C. **Hipnotismo e Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- PERALVA, M. **Estudando a Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. H. **Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio**. Edição Digitalizada: Portal Luz Espírita; Autores Espíritas Clássicos, 2020.
- PIRES, J. H. **Mediunidade (Vida e Comunicação)**. São Paulo: Edicel, 1987.
- REGNAULT, H, **Léon Denis e a Experiência Espírita** (PDF). Rio de Janeiro: CELD, 2009.
- RICHET, C. **Tratado de Metapsíquica - Tomo I**. São Paulo: Lake, 2008.
- SCHUTEL, C. **Médiuns e Mediunidades**. Matão, SP: O Clarim, 1984.
- SIMONETTI, R. **Mediunidade: Tudo o Que Você Precisa Saber**. Bauru (SP): CEAC, 2003.
- TEIXEIRA, J. R. **Desafios da Mediunidade**. Niterói, RJ: Fráter, 2012.
- UEM – União Espírita Mineira. **Mediunidade**. Belo Horizonte: UEM, 1983.

XAVIER, F. C. ***Missionários da Luz***. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. ***Nos Domínios da Mediunidade***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

## Imagem

CAPA: Montagem da capa editada por Elkeane Aragão @Elkefiz, usando ilustrações geradas por IA em Microsoft Copilot. Acesso em: 9 nov. 2025.

## Internet

CEAL – Centro Espírita André Luiz, *Perguntas Frequentes – Existe a incorporação de Espíritos?*, disponível em: <https://www.cealdf.org.br/novosite/a-doutrina-espirita/perguntas-frequentes> Acesso em: 15 abr. 2026.

CELD, *A mediunidade de incorporação*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/619288343/A-Mediunidade-de-Incorporacao-Centro-Espirita-Leon-Denis> Acesso em: 03 jan. 2025.

FEB, *Jayme Cerviño*, disponível em: <https://www.febeditora.com.br/custom.asp?arg=autores/JaymeCervino.html> Acesso em: 30 dez. 2025.

FRANCO, D. P. *Programa Transição 001 – Mediunidade*. Out/2008, disponível em: [http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/pograma-transicao-001-mediunidade-video\\_5955d7952.html](http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/pograma-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html) Acesso em: 11 jan. 2013.

MUNDO ESPÍRITA (FEP), *Divaldo Franco e Raul Teixeira*, disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Divaldo-e-Raul-R.jpg-SITE.jpg> Acesso em: 16 nov. 2025.

MÚSICA SACRA E ADORAÇÃO, *Fisiologia da voz*, link: [https://musicaeadoracao.com.br/wp-content/uploads/2012/07/aparelho\\_fonador.jpg](https://musicaeadoracao.com.br/wp-content/uploads/2012/07/aparelho_fonador.jpg) Acesso em: 17 abr. 2024.

PORTAL DO ESPÍRITO, *Incorporação*, disponível em: <http://portalespirito.com/doutrina/letra-i.htm> Acesso em: 23 jun. 2008.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/mediunidade-a-base-e-o-medium-receber-e-transmitir> Acesso em: 25 nov. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possessao-espiritos-posuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook> Acesso em: 25 nov. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/sr-morin-medium-de-incorporacao-na-sociedade-espirita-de-paris> Acesso em: 25 nov. 2025.

WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Ernesto\\_Bozzano](https://it.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano) Acesso em: 09 jan. 2026.

WIKISOURCE, *Antoinette Bourdin*, disponível em:

[https://fr.wikisource.org/wiki/Auteur:Antoinette\\_Bourdin](https://fr.wikisource.org/wiki/Auteur:Antoinette_Bourdin)

Acesso em: 15 abr. 2026.

(Esse texto, na versão original, quando era apenas um pequeno artigo, com o título “*Incorporação por Espíritos*”, foi publicado, em três partes, pela Mythos Editora na revista ***Espiritismo & Ciência***, nas seguintes edições: nº 70 de maio/2009, p. 6-10; nº 71 de junho/2009, p. 14-18 e nº 72 de julho/2009, p. 6-9).

## Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** ([https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem\\_autor.htm](https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm)).

Livros publicados por Editoras:

**a) impressos:** 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

**b) digitais:** 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 18) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*; 32) *Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou*; 33) *A pesquisa de Ernesto Bozzano confirma e complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

- <sup>1</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 19.
- <sup>2</sup> SILVA NETO SOBRINHO, *Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*, disponível em:  
<https://paulosnetos.net/article/mediunidade-a-base-e-o-medium-receber-e-transmitir>
- <sup>3</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 120.
- <sup>4</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 57.
- <sup>5</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- <sup>6</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 174.
- <sup>7</sup> DELANNE, *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos – Tomo I: Os fantasmas dos vivos*, p. 262.
- <sup>8</sup> PERALVA, *Estudando a Mediunidade*, p. 51.
- <sup>9</sup> O Consolador – Vocabulário, *Incorporação*, disponível em:  
<https://www.oconsolador.com.br/linkfixo/vocabulario/principal.html#-%20I%20->
- <sup>10</sup> CENTRO ESPÍRITA LUZ ETERNA, *COEM – Centro de Orientação e Educação Mediúnica (apostila)*, p. 165.
- <sup>11</sup> KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.
- <sup>12</sup> KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 234.
- <sup>13</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 262.
- <sup>14</sup> KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 172.
- <sup>15</sup> SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em:  
<https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- <sup>16</sup> KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- <sup>17</sup> KARDEC, *A Gênese*, p. 260.
- <sup>18</sup> KARDEC, *A Gênese*, p. 260-261.

- <sup>19</sup> KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 216-217.
- <sup>20</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 178.
- <sup>21</sup> Letargia: Estado de inconsciência que se assemelha ao sono profundo. (Dicio, link: [dicio.com.br/letargia](http://dicio.com.br/letargia))
- <sup>22</sup> Ver item 173 de *O Livro dos Médiuns*, que narra o caso de um jovem que era assistido por um espírito designado de “anjo doutor” (p. 179).
- <sup>23</sup> Nossa dedução deste trecho do item 172 de *O Livro dos Médiuns*: “[...] Mas o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazê-lo com um sonâmbulo; aliás, o estado de emancipação da alma provocada pelo sonambulismo facilita essa comunicação.” (p. 179)
- <sup>24</sup> KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.
- <sup>25</sup> KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.
- <sup>26</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 262.
- <sup>27</sup> CEAL, *Perguntas Frequentes*, “Existe a incorporação de Espíritos?”, disponível em: <https://www.cealdf.org.br/novosite/a-doutrina-espirita/perguntas-frequentes>
- <sup>28</sup> MUNDO ESPÍRITA (FEP), *Divaldo Franco e Raul Teixeira*, disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Divaldo-e-Raul-R.jpg-SITE.jpg>
- <sup>29</sup> TEIXEIRA, *Desafios da Mediunidade*, p. 47.
- <sup>30</sup> SIMONETTI, *Mediunidade: tudo o que você precisa saber*, p. 115.
- <sup>31</sup> MUNDO ESPÍRITA (FEP), *Divaldo Franco e Raul Teixeira*, disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Divaldo-e-Raul-R.jpg-SITE.jpg>
- <sup>32</sup> FRANCO, Programa Transição 001 – Mediunidade.

Out/2008, disponível em:  
[http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video\\_5955d7952.html](http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html), trecho 19' 20'' a 20' 25''.

- <sup>33</sup> FEB, *Jayme Cerviño*, disponível em:  
<https://www.febeditora.com.br/custom.asp?arq=autores/jaymeCervino.html>
- <sup>34</sup> CERVIÑO, *Além do Inconsciente*, p. 131.
- <sup>35</sup> SILVA NETO SOBRINHO, *Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*, disponível em:  
<https://paulosnetos.net/article/mediunidade-a-base-e-o-medium-receber-e-transmitir>
- <sup>36</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 19.
- <sup>37</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 159.
- <sup>38</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 167.
- <sup>39</sup> KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, p. 18.
- <sup>40</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- <sup>41</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 174-175.
- <sup>42</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- <sup>43</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 193-194.
- <sup>44</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 226-227.
- <sup>45</sup> KARDEC, *A Gênese*, p. 223.
- <sup>46</sup> KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- <sup>47</sup> KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- <sup>48</sup> KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373.

- <sup>49</sup> Esse caso também consta de *O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. VI – Criminosos arrependidos. (KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 303-315)
- <sup>50</sup> KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 311-313.
- <sup>51</sup> É bom esclarecer que isso não é um procedimento padrão que ocorre em todas as casas de Umbandas.
- <sup>52</sup> ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio Sobre o Modelo Organizador Biológico*, p. 122.
- <sup>53</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 229-231.
- <sup>54</sup> KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 215.
- <sup>55</sup> Como por exemplo: KARDEC, *Revista Espírita* 1858, mês novembro, artigo “Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza”, p. 316; KARDEC, *Revista Espírita* 1860, mês março, artigo “Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas”, p. 86; KARDEC, *Revista Espírita* 1860, mês setembro, artigo “Boletim – sexta-feira, 24 de agosto de 1860 (sessão geral)”, p. 266 e KARDEC, *Revista Espírita* 1861, artigo “O Espiritismo em Bordeaux”, mês novembro, p. 328-329.
- <sup>56</sup> KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 309-312.
- <sup>57</sup> KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 315-316.
- <sup>58</sup> KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 28-29.
- <sup>59</sup> Comparando-se o teor da 4ª francesa de 1864 de *O Que é o Espiritismo* com o da 6ª edição de 1865 constata-se um acréscimo significativo, que pode até ter surgido já na 5ª edição; contudo, até o momento não foi localizado um exemplar dela para se comprovar.
- <sup>60</sup> KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 160.
- <sup>61</sup> KARDEC, *A Gênese*, p. 257-258.
- <sup>62</sup> Obras publicadas por Antoinette Bourdin: *La Mediumnité*

*au verre d'eau, instructions générales données par les esprits; Entre deux globes; Les Deux Sœurs; Les Souvenirs de la folie; Les Esprits professeurs; La Consolée e Cosmogonie des fluides.* (Fonte: [https://fr.wikisource.org/wiki/Auteur:Antoinette\\_Bourdin](https://fr.wikisource.org/wiki/Auteur:Antoinette_Bourdin))

- <sup>63</sup> BOURDIN, *Memórias da Loucura*, p. 91-93.
- <sup>64</sup> SILVA NETO SOBRINHO, *Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris*, link: <https://paulosnetos.net/article/sr-morin-medium-de-incorporacao-na-sociedade-espirita-de-paris>
- <sup>65</sup> KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 49-50.
- <sup>66</sup> RICHET, *Tratado de Metapsíquica*, p. 312.
- <sup>67</sup> GIBIER, *O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)*, p. 117.
- <sup>68</sup> DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 105.
- <sup>69</sup> GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 54-55.
- <sup>70</sup> DENIS, *No Invisível*, p. 31.
- <sup>71</sup> DENIS, *No Invisível*, p. 249.
- <sup>72</sup> DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- <sup>73</sup> DENIS, *No Invisível*, p. 268.
- <sup>74</sup> DENIS, *No Invisível*, p. 269.
- <sup>75</sup> DENIS, *No Invisível*, p. 272.
- <sup>76</sup> DENIS, *Espíritos e Médiuns*, p. 31.
- <sup>77</sup> DENIS, *Espíritos e Médiuns*, p. 110-111.
- <sup>78</sup> DENIS, *Síntese Doutrinária – Prática do Espiritismo*, p. 54.
- <sup>79</sup> REGNAULT, *Léon Denis e a Experiência Espírita*, p. 38-39.
- <sup>80</sup> SCHUTEL, *Médiuns e Mediunidades*, p. 37.
- <sup>81</sup> WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: [https://it.wikipedia.org/wiki/Ernesto\\_Bozzano](https://it.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano)

- <sup>82</sup> BOZZANO, *Xenoglossia*, p. 8-9.
- <sup>83</sup> BOZZANO, *Xenoglossia*, p. 12-13.
- <sup>84</sup> BOZZANO, *Xenoglossia*, p. 16.
- <sup>85</sup> BOZZANO, *A Morte e os Seus Mistérios*, p. 11-14.
- <sup>86</sup> MÚSICA SACRA E ADORAÇÃO, *Fisiologia da voz*, link:  
[https://musicaeadoracao.com.br/wp-content/uploads/2012/07/aparelho\\_fonador.jpg](https://musicaeadoracao.com.br/wp-content/uploads/2012/07/aparelho_fonador.jpg)
- <sup>87</sup> FREIRE, *Da Alma Humana*, p. 128-129.
- <sup>88</sup> FREIRE, *Da Alma Humana*, p. 130-131.
- <sup>89</sup> ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 121-124.
- <sup>90</sup> XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 260-277, *passim*.
- <sup>91</sup> XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 28-56, *passim*.
- <sup>92</sup> XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 69-74, *passim*.
- <sup>93</sup> XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 75-80, *passim*.
- <sup>94</sup> XAVIER, *Nos Domínio da Mediunidade*, p. 15 e 18, *respectivamente*
- <sup>95</sup> XAVIER, *Nos Domínio da Mediunidade*, p. 49.
- <sup>96</sup> UEM, *Mediunidade*, p. 52.
- <sup>97</sup> CELD, *A mediunidade de incorporação*, disponível em:  
<https://pt.scribd.com/document/619288343/A-Mediunidade-de-Incorporacao-Centro-Espirita-Leon-Denis>
- <sup>98</sup> Link: [www.apologiaespirita.org](http://www.apologiaespirita.org)
- <sup>99</sup> LOEFFLER, *Fundamentação da Ciência Espírita*, p. 274.
- <sup>100</sup> PIRES, *Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio*, p. 31-36.
- <sup>101</sup> PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 37.
- <sup>102</sup> FIORE, *Possessão Espiritual*, p. 15.